

Boletim de **Conjuntura da Bahia**

4º TRIMESTRE DE 2023

Boletim de **Conjuntura da Bahia**

4º TRIMESTRE DE 2023



GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

Jerônimo Rodrigues Souza

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO

Cláudio Ramos Peixoto

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E
SOCIAIS DA BAHIA (SEI)

José Acácio Ferreira

DIRETORIA DE INDICADORES E ESTATÍSTICA (DISTAT)

Armando Affonso de Castro Neto

DIRETORIA DE PESQUISAS (DIPEQ)

Rodrigo Barbosa de Cerqueira

COORDENAÇÃO DE ACOMPANHAMENTO

CONJUNTURAL (CAC)

Arthur Souza Cruz Júnior

COORDENAÇÃO DE PESQUISAS SOCIAIS (COPES)

Lucigleide Nery Nascimento

COORDENAÇÃO DE CONTAS REGIONAIS E

FINANÇAS PÚBLICAS (COREF)

João Paulo Caetano Santos

ELABORAÇÃO TÉCNICA

Luiz Mário Ribeiro Vieira (Cenário
Internacional, Nacional e Estadual)

Carla Janira Souza do Nascimento
(Agropecuária)

Carla Janira Souza do Nascimento
(Produção Industrial)

Elissandra Alves de Brito
(Comércio Varejista)

Rosângela Conceição (Serviços e Turismo)

**Arthur Souza Cruz Junior e Pedro Henrique
Ferreira Matos** (Comércio Exterior)

**Eduardo Augusto Santos Brito, Gabriel
Oliveira Barbosae Marília Jane Campos**
(Finanças Públicas)

**João Paulo Caetano Santos, Denis Veloso
e Carol Vieira** (Produto Interno Bruto)

Luiz Fernando Araújo Lobo
(Mercado de Trabalho)

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Zélia Maria Abreu Góis

NORMALIZAÇÃO

Eliana Marta Gomes Silva Sousa

EDITORIA-GERAL

Elisabete Cristina Teixeira Barretto Guanais

EDITORIA DE ARTE E DE ESTILO

Ludmila Nagamatsu

DESIGN GRÁFICO

Vinícius Luz Assunção

REVISÃO DE LINGUAGEM

EGBA

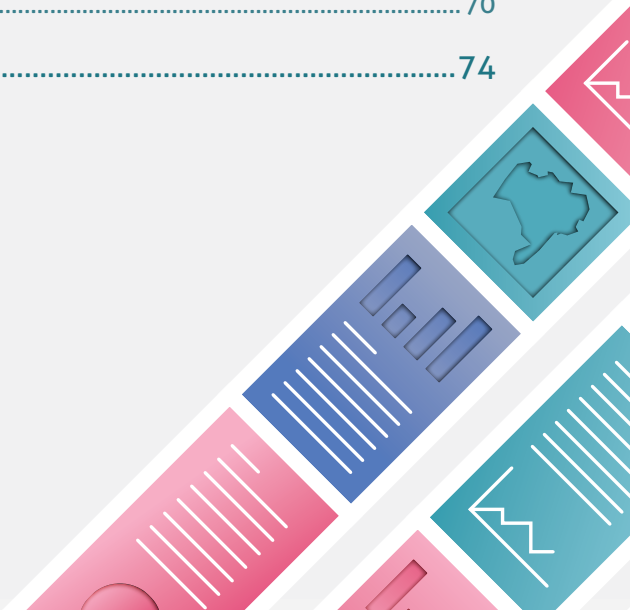
EDITORIAÇÃO

Perivaldo Barreto Pereira
(Autor Visual Design Gráfico)

SUMÁRIO



PANORAMA INTERNACIONAL, NACIONAL E ESTADUAL.....	5
Cenário internacional.....	5
Cenário nacional	10
Cenário estadual	18
AGROPECUÁRIA.....	23
Cenário Brasil	23
Cenário Bahia.....	23
Outras lavouras permanentes e temporárias.....	26
PRODUÇÃO INDUSTRIAL.....	28
COMÉRCIO VAREJISTA	34
SERVIÇOS	40
TURISMO	44
COMÉRCIO EXTERIOR.....	47
IMPORTAÇÕES.....	55
FINANÇAS PÚBLICAS.....	58
Panorama global: política monetária e fiscal.....	58
Panorama fiscal: Brasil.....	59
Evolução das receitas e despesas.....	61
Panorama fiscal: Bahia.....	63
Panorama fiscal: municipal.....	68
PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB).....	69
PIB baiano encerra o ano de 2023 com alta de 1,1%.....	69
PIB em Valor Corrente	69
Quarto trimestre 2023/ quarto trimestre 2022	70
MERCADO DE TRABALHO	74



PANORAMA INTERNACIONAL, NACIONAL E ESTADUAL

Luiz Mário Ribeiro Vieira
lmario@sei.ba.gov.br

Cenário Internacional

Em 2023, a atividade econômica mundial demonstrou resiliência devido ao crescimento vigoroso de muitas economias importantes, mesmo diante dos impactos provocados pela pandemia da covid-19, a invasão da Ucrânia pela Rússia e a crise resultante da forte alta do custo de vida, o que exigiu uma política monetária contracionista, com taxas de juros em níveis muito elevados.

De acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), a economia global cresceu no segundo semestre, à medida que fatores de oferta e demanda se equilibraram após a crise sanitária desencadeada pela pandemia de covid-19. Ressalta-se o aquecimento da atividade econômica e do mercado de trabalho como fatores que sustentaram essa melhora.

No quarto trimestre de 2023, os Estados Unidos e a China apresentaram os melhores resultados. Por sua vez, próximos da estabilidade, a Zona do Euro e o Japão registraram ligeira queda. Com isso, a projeção de crescimento da economia global foi elevada em 0,2 ponto percentual, indo para 3,1% em 2023, conforme o FMI.

Serão destacados a seguir os fatores que mais contribuíram para o desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) nos Estados Unidos, na China, na Zona do Euro e no Japão, levando em consideração fatores conjunturais que influenciaram as referidas taxas positiva ou negativamente, além das previsões para 2024.

O PIB dos Estados Unidos, de acordo com a segunda estimativa do indicador divulgada pelo Departamento de Comércio dos EUA, cresceu 3,2% no quarto trimestre de 2023 ante o mesmo trimestre de 2022, enquanto o resultado anual foi de 2,5%.

O resultado superou as expectativas dos analistas, uma vez que o consenso apontava para alta de 2,0%. Houve uma aceleração em relação a 2022, quando o crescimento econômico foi de 1,9%.

A evolução do PIB no quarto trimestre refletiu os aumentos nos gastos dos consumidores, no investimento privado, nas exportações e nos gastos dos governos federal, estaduais e locais. O PIB em Dólar aumentou 4,8%, ou US\$ 328,7 bilhões, alcançando um patamar de US\$ 27,94 trilhões.

Esse número encerra um ano em que a economia americana contrariou as expectativas de uma provável recessão. Em vez disso, o PIB aumentou 3,1%, superando o alcançado no quarto trimestre de 2022.

Os gastos do consumidor, maior componente do PIB americano em relação à demanda, subiram a uma taxa anual de 2,8%. Isso indica, em conformidade com os números das vendas de varejo, que esses gastos se intensificaram até o fim do quarto trimestre.

O relatório do Departamento de Comércio mostrou ainda um aumento das despesas de capital. O investimento das empresas com máquinas, equipamentos e estruturas cresceu a uma taxa anual de 1,9% no quarto trimestre, depois de ter avançado 1,4% no trimestre imediatamente anterior. A redução do déficit comercial também ajudou no crescimento do PIB.

Certamente ainda há fatores que atrapalham a economia americana, em especial o nível elevado das taxas de juros de curto prazo. Porém, como o mercado de trabalho ainda se mantém resiliente, a desaceleração da inflação aumenta o poder de compra dos trabalhadores. Assim, parece pouco provável que os gastos dos consumidores caiam nos próximos meses, evitando uma queda brusca no nível da atividade econômica.

Segundo dados divulgados pelo Escritório Nacional de Estatísticas (NBS, na sigla em inglês), a China registrou crescimento de 1% na comparação do quarto trimestre de 2023 com o trimestre imediatamente anterior, em linha com as expectativas. No quarto trimestre de 2023, o PIB chinês cresceu 5,2% ante o mesmo período do ano anterior e acima dos 4,9% do trimestre imediatamente anterior.

Em relação a 2022, o PIB registrou um crescimento anual de 5,2% em 2023, superando a meta anual de cerca de 5%, mas ligeiramente abaixo dos 5,3% esperados pelos analistas. Em 2022, ainda com os confinamentos exigidos pela pandemia de covid-19, a economia da China havia crescido 3% sobre o ano anterior. O PIB do país atingiu um recorde de 126,06 trilhões de yuans (cerca de US\$ 17,71 trilhões) no ano passado.

De acordo com o NBS, o melhor desempenho da economia chinesa foi devido aos gastos do governo, que ajudaram a estimular a recuperação após o período mais crítico da pandemia. A crescente incerteza sobre as perspectivas econômicas da China minou os gastos das famílias, contribuindo para um aumento modesto de 0,2% nos preços ao consumidor em 2023. Além da crise que permaneceu no setor imobiliário, os gastos em construção e decoração diminuíram 7,8% no ano, enquanto os preços de novas moradias caíram num ritmo mais forte em dezembro, a maior queda desde 2015.

Dados do comércio exterior da China ajudaram na composição do PIB, já que as exportações contraíram 4,6% em 2022, devido à demanda mais fraca dos principais parceiros comerciais, entre eles, Estados Unidos, União Europeia e Sudeste Asiático. Já as importações diminuíram 5,5%, por conta da queda na procura interna por matérias-primas, como petróleo bruto e produtos siderúrgicos.

Para o primeiro-ministro da China, Li Qiang, a meta de “cerca de 5%”, definida no início de 2023, foi obtida sem estímulos excessivos à economia, evitando que a busca de efeitos de curto prazo pudesse gerar problemas de longo prazo. “A economia chinesa está fazendo progresso constante e continuará a proporcionar um forte impulso à economia mundial”, disse ele ao projetar um mercado consumidor crescente: “Na China, existem atualmente mais de 400 milhões de pessoas na faixa de rendimento médio, e espera-se que o número atinja 800 milhões na próxima década”.

As autoridades chinesas divulgaram outros importantes indicadores econômicos. A produção industrial, por exemplo, avançou 4,6% no acumulado do ano anterior. As vendas no varejo de bens de consumo da China, por sua vez, subiram 7,2% em termos anuais em 2023, segundo os dados oficiais, para um total de 47,15 trilhões de yuans (cerca de US\$ 6,63 trilhões). Esse dado também ficou abaixo da estimativa de 8,0%.

A taxa média de desemprego urbano na China ficou em 5,1% em dezembro de 2023, enquanto a taxa média do ano foi de 5,2%, uma queda de 0,4 ponto percentual em relação a 2022.

Dados da segunda revisão da agência de estatísticas da União Europeia, Eurostat, mostraram que o PIB da Zona do Euro ficou estável no quarto trimestre de 2023 ante o trimestre imediatamente anterior. Com a estabilidade, o bloco evitou entrar em recessão técnica após sua economia encolher 0,1% no terceiro trimestre ante o segundo. Na comparação anual, o PIB da Zona do Euro teve leve expansão de 0,1% entre outubro e dezembro.

A Alemanha, a maior economia da Europa e historicamente um motor econômico da atividade no bloco, influenciou negativamente a taxa global, com retração de 0,3%, a maior contração entre as economias europeias, exceto a da Irlanda, que caiu 0,7%. Em relação a outros países da Zona do Euro, o PIB manteve-se estável na França, enquanto cresceu 0,2% na Itália, 0,4% na Bélgica e 0,6% na Espanha. Há cinco trimestres consecutivos, o desempenho da economia dos 20 países que utilizam o Euro fica em torno de zero.

A política monetária restritiva do Banco Central Europeu foi decisiva para os resultados do PIB da região, resultando na redução da demanda e da confiança dos consumidores e empresários.

A produção industrial da Zona do Euro apresentou alta de 2,6% em dezembro ante novembro de 2023, superando as projeções de analistas que previam recuo de 0,2% no período. Na comparação anual, a produção industrial do bloco teve expansão de apenas de 1,2% em dezembro. Espera-se que a economia do bloco recupere-se em 2024, em meio à desaceleração da inflação e às expectativas de que o Banco Central Europeu (BCE) reduza as taxas de juros.

O PIB real do Japão recuou 0,1% no quarto trimestre de 2023 em relação ao trimestre imediatamente anterior, abaixo da expectativa dos analistas econômicos, que previam alta de 0,2%. Na taxa anualizada, o PIB recuou 0,4% no último trimestre do ano.

No quarto trimestre, o consumo privado diminuiu 0,2% ante o trimestre imediatamente anterior. O crescimento dos salários não acompanhou a taxa de inflação, o que fez com que as famílias evitassem gastar ativamente. As despesas de capital também caíram 0,1%. A demanda externa (exportações menos importações) acrescentou 0,2 ponto percentual ao crescimento.

O governo informou que a economia recuou a uma taxa anual de 0,4% entre outubro e dezembro, de acordo com dados sobre o PIB real, embora tenha crescido 1,9% em todo o ano de 2023. A economia havia contraído 2,9% entre julho e setembro. Houve, portanto, dois trimestres consecutivos de contração, um indicador de que a economia entrou em recessão técnica.

Diante dessa queda do PIB no quarto trimestre, a economia do Japão passou a representar a quarta maior do mundo, ficando atrás da Alemanha. A economia japonesa posicionava-se como a segunda maior até 2010, quando foi ultrapassada pela China. O PIB nominal do Japão totalizou US\$ 4,2 trilhões em 2023, enquanto o da Alemanha atingiu US\$ 4,4 trilhões.

Os dados do quarto trimestre mostram que a atividade econômica global não apresentou crescimento uniforme, visto que a China e os Estados Unidos apresentaram resultados positivos, enquanto na Zona do Euro houve estabilidade e, no Japão, retração, embora as políticas monetárias adotadas pelos países tenham sido diferentes.

Com isso, os dados do relatório Panorama Econômico Global, do FMI, divulgados em janeiro de 2024, contemplam as projeções do crescimento do PIB mundial de 2023 abaixo do de 2022, passando de 3,5% para 3,1%. Para 2024, a projeção subiu 0,2% em relação ao relatório de outubro, alcançando 3,1%. As economias desenvolvidas tiveram revisão em 2023 e 2024, com taxas esperadas de 1,5% e 1,6%, respectivamente.

Para os mercados emergentes e as economias em desenvolvimento, espera-se que o crescimento seja de 4,1% em 2023, com a mesma taxa para 2024. A revisão em alta de 0,1 ponto percentual para 2024 ante a projeção de outubro de 2023 reflete avanços em vários países do bloco.

O FMI também melhorou a perspectiva de crescimento da China para 2024, prevendo taxa de 4,6%, alta de 0,4 ponto percentual em relação à previsão publicada no relatório anterior. O Fundo justificou a melhora devido aos bons resultados em 2023, ocasião em que a China conseguiu atingir sua meta de crescimento de, aproximadamente, 5%. Outra justificativa para a melhora seria o aumento da capacidade do governo chinês de lidar com desastres naturais. Mesmo com um cenário mais promissor, o FMI fez ressalvas em relação ao setor imobiliário do país, que enfrenta uma crise prolongada e ainda não conseguiu se recuperar plenamente, e às crescentes tensões geopolíticas.

Para os Estados Unidos, a revisão foi de 0,6 p.p. para cima em 2024, resultando em taxa projetada de 2,1%. Um equilíbrio para a economia parece estar muito próximo, devido às perspectivas de redução das taxas de juros nos próximos meses.

O bom desempenho americano conseguiu superar a perspectiva de redução no crescimento da Zona do Euro, onde o FMI estima que a alta da economia será de 0,9% em 2023. Essa estimativa representa uma revisão de 0,3 p.p. em relação à projeção divulgada em outubro do ano anterior.

Já a Zona do Euro segue pressionada pelo fraco desempenho da Alemanha. Depois de ter contraído 0,1% em 2023, a economia alemã -- a maior da Europa -- deve se recuperar lentamente este ano, com uma estimativa de crescimento de apenas 0,5%.

A economia japonesa, por sua vez, deverá apresentar um modesto crescimento de 0,9%, com queda de 0,1p.p. em relação à projeção do mês de outubro. Muitos economistas preveem que qualquer recuperação da economia japonesa será modesta. Diante do atual momento político e econômico global, em que o crescimento ainda é lento em algumas partes do mundo, a China provavelmente limitará as exportações, e os preços mais elevados deverão pesar sobre os gastos dos consumidores, que naturalmente já têm uma tendência à poupança em situações de incerteza.

Mesmo com um cenário que aponta para um "pouso suave" da economia após sucessivos impactos, o relatório do FMI alerta que o mundo ainda enfrenta riscos que podem colocar essa trajetória positiva em xeque, visto que as tensões geopolíticas, especialmente no Oriente

Médio, e o núcleo da inflação global – que exclui preços mais voláteis como alimentos e energia – podem causar retrocessos caso sejam subestimados.

Diante de um cenário positivo que pode ser revertido ante novas crises e instabilidades, o FMI destaca o controle da inflação e a consolidação fiscal como elementos principais a serem levados em consideração para a manutenção da boa trajetória econômica em 2024, ressaltando que bancos centrais pelo mundo devem analisar com cuidado os movimentos sobre juros para evitar possíveis efeitos de rebote.

Reformas estruturais específicas e cuidadosamente sequenciadas reforçariam o crescimento da produtividade e a sustentabilidade da dívida e acelerariam a convergência para níveis de rendimento mais elevados. É necessária uma coordenação multilateral mais eficiente, entre outras iniciativas, para a resolução da dívida, a fim de evitar o endividamento e criar espaço para os investimentos necessários, bem como para mitigar os efeitos das alterações climáticas. “A intensificação das reformas que melhorem a oferta facilitaria a redução da inflação e da dívida e permitiria um aumento sustentado nos padrões de vida”, indica o relatório World Economic Outlook (WEO), do FMI, de janeiro de 2024.

Cenário nacional

A economia brasileira desacelerou no segundo semestre de 2023 após registrar alta de 3,8% no Produto Interno Bruto (PIB) do primeiro semestre do mesmo ano. Os principais setores de atividades reduziram o ritmo de crescimento, principalmente a Agropecuária, que impulsionou o PIB no primeiro semestre.

A geração de emprego, a redução do desemprego e a elevação da renda real pela queda da inflação, principalmente pela diminuição dos preços dos alimentos no domicílio, ajudaram a manter em crescimento o consumo das famílias, que foi destaque do PIB pelo lado da demanda. Portanto, a desaceleração do ritmo de crescimento no segundo semestre de 2023 contribuiu para que o Brasil não registrasse um avanço mais expressivo no ano. Ainda assim, o crescimento do PIB de 2023 fez com que o país voltasse ao *ranking* das dez maiores economias do mundo.

As pesquisas mensais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para os principais setores da atividade econômica ratificam esse processo de queda no ritmo de expansão da economia brasileira no segundo semestre.

No quarto trimestre, com base na pesquisa mensal do IBGE, a indústria brasileira apresentou crescimento de 1,1% no indicador da produção física em relação ao terceiro trimestre, após registrar estabilidade em relação ao segundo trimestre.

Como resultado, a produção industrial ultrapassou o patamar do período da pré-pandemia (0,7%), acima da taxa de fevereiro de 2020, mas ainda se encontra 16,3% abaixo do nível recorde alcançado em maio de 2011. No indicador acumulado no ano, o setor registrou variação positiva de 0,2% em 2023, sendo que, em 2022, havia fechado com queda de 0,7%. André Macedo, gerente da Pesquisa Industrial Mensal (PIM), destaca que, ao final de 2023, permaneceu a característica de predomínio de atividades industriais no campo negativo, uma vez que somente nove dos 25 ramos do setor mostraram crescimento na produção.

Os destaques positivos foram registrados nos segmentos de *Indústria extrativa*, *Derivados de petróleo e biocombustíveis* e *Produtos alimentícios*. Já entre as atividades com indicadores negativos destacaram-se *Veículos automotores*, *Produtos químicos*, *Máquinas e equipamentos*, *Máquinas, aparelhos e materiais elétricos* e *Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos*.

Portanto, o resultado da indústria geral em 2023 foi alavancado pela *Indústria extrativa* – cujo crescimento é sustentado tanto pela extração de petróleo quanto de minérios de ferro. Já a *Indústria de transformação* teve a maior parte dos ramos industriais no campo negativo e fechou o ano com recuo de 1,0%, queda mais intensa do que a verificada em 2022, quando havia retraído 0,4%. Entre as grandes categorias econômicas, no acumulado do ano, *Bens de capital* registraram a maior queda (-11,1%), seguidos por *Bens de consumo* (1,9%) e *Bens intermediários* (0,4%).

O volume de Serviços no Brasil, no acumulado de 2023, fechou em alta de 2,3%, terceiro ano consecutivo de crescimento, no entanto, o setor perdeu fôlego ao reduzir a taxa de expansão de 3,1% em novembro para 2,3% em dezembro de 2023. Essa queda no crescimento fica evidente quando se compara o quarto trimestre com o terceiro, em que o setor registrou queda de 0,44%. Os dados são da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), divulgada pelo IBGE.

Com o acréscimo de 0,3% no mês de dezembro, o setor de Serviços está 11,7% acima do patamar alcançado no período de pré-pandemia (fevereiro de 2020), e 1,7% abaixo do ponto mais alto da série histórica (dezembro de 2022). A última vez que o setor havia crescido por três anos consecutivos foi no período de 2012 a 2014, quando acumulou um ganho de 11,3%.

No triênio mais recente, de 2021 a 2023, a expansão foi ainda mais expressiva, com avanço de 22,9%. Cabe destacar, contudo, que o crescimento de 2,3% observado em 2023 foi o menos intenso da sequência. Em 2021, a alta foi de 10,9%, enquanto em 2022 foi de 8,3%.

Em 2023, quatro das cinco atividades analisadas pela PMS tiveram taxas positivas, acompanhadas por crescimento de 55,4%. Entre os segmentos, destacaram-se os *Serviços de informação e comunicação*, com alta de 3,4%, e os *Serviços de profissionais, administrativos e complementares*, com expansão de 3,7%. “O que colocou o setor de Serviços em patamares elevados foram, principalmente, as atividades que se fortaleceram no contexto do pós-pandemia. Houve, por exemplo, aumentos consideráveis nos serviços voltados às empresas, notadamente os serviços de TI”, esclarece Rodrigo Lobo, gerente da pesquisa.

Nesse contexto, o pesquisador também destaca o transporte rodoviário de carga, que influenciou a alta de 1,5% nas atividades de *Serviços de transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio*. “É um segmento que cresceu, num primeiro momento, na esteira do aumento do comércio eletrônico e que ganhou novos impulsos com a expansão da produção agrícola, na medida em que se cria a necessidade de transporte de insumos, como adubos e fertilizantes, além de operar o próprio escoamento da colheita”.

A atividade de *Serviços prestados às famílias*, com crescimento de 4,7%, integra as atividades em expansão. Apenas o segmento *Outros serviços* teve resultado negativo, com queda de 1,8%.

Conforme explica o gerente da PMS, “o resultado de 2023 seguiu a tendência observada em 2022. Com a retomada pós-isolamento da pandemia, houve uma redistribuição da renda disponível das famílias, com redução das aplicações financeiras e aumento do consumo de Bens e Serviços, que estavam mais represados nos períodos de maior incerteza”.

O índice de atividades turísticas da PMS teve alta no acumulado de 2023, apresentando crescimento de 6,9%, com dez dos 12 locais investigados em alta, principalmente São Paulo (6,5%), seguido por Rio de Janeiro (11,5%), Minas Gerais (15,0%), Bahia (11,4%) e Paraná (10,0%). Em contrapartida, Ceará (-3,2%) e Distrito Federal (-1,1%) apontaram os resultados negativos do ano.

Uma surpresa adversa foi a queda de 1,3% nas vendas do comércio varejista no país, no período entre novembro e dezembro. É o segundo resultado negativo para 2023, e o de maior amplitude. Já em comparação com os últimos quatro anos, dezembro de 2023 registrou o menor resultado negativo.

Em relação a dezembro de 2022, o volume de vendas do varejo avançou 1,3%, sétimo mês consecutivo de resultados positivos nesse indicador.

No quarto trimestre em relação ao terceiro, o comércio varejista retraiu 0,41%, mas, apesar disso, encerrou o ano acumulando alta de 1,7%, resultado superior a 2022 (1,0%). Os dados são da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), divulgada pelo IBGE.

“No ano anterior, o resultado havia sido de 1,0% de crescimento, portanto, em 2023, observamos um resultado maior que em 2022, mantendo a tendência de seis anos consecutivos de crescimento. Também setorialmente, tratando-se de varejo ampliado, observamos uma disseminação de resultados positivos, com apenas quatro das 11 categorias no campo negativo”, avalia o gerente da pesquisa, Cristiano Santos.

Sete das 11 atividades pesquisadas no âmbito do varejo ampliado fecharam o ano no campo positivo. Pelo lado negativo, as quatro atividades que sofreram queda em 2023 foram: *Outros artigos de uso pessoal e doméstico* (-10,9%), *Tecidos, vestuário e calçados* (-4,6%), *Livros, jornais, revistas e papelaria* (-4,5%) e *Material de construção* (-1,9%). No varejo ampliado em 2023, *Veículos e motos, partes e peças* teve alta de 8,1%, enquanto *Material de construção* apresentou baixa de 1,9%.

Santos pontua que a análise das categorias que caíram apresentem justificativas bem específicas. “A queda de 10,9% em *Outros artigos de uso pessoal e doméstico* é muito ligada à questão da crise contábil de grandes marcas do setor de lojas de departamento. Já em *Tecidos, vestuário e calçados*, é uma tendência que se inicia depois da pandemia, já é o segundo ano seguido de quedas, o que também tem a ver com a mudança de comportamento de consumo. O crescimento do varejo ao longo de 2023 foi influenciado pelas atividades ligadas ao crescimento da renda, enquanto os ligados ao crédito tiveram um ano com ritmo mais fraco”.

Para 2024, há um otimismo mais disseminado no setor. Conforme a Sondagem do Comércio do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV/IBRE), as empresas consultadas sobre suas expectativas apontaram resultados para otimismo em relação ao ambiente de negócios. Especificamente nas atividades comerciais relacionadas à renda, 53,5% preveem um ambiente de negócios positivo, em razão da gradual melhora dos indicadores macroeconômicos e de emprego e renda, além da queda dos juros e da inflação.

O Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), divulgado pelo IBGE, mostrou que a safra nacional de cereais, leguminosas e oleaginosas registrou novo recorde em 2023, totalizando 315 milhões de toneladas (t). O resultado supera em 19,8% a safra obtida em 2022. A área colhida de 78 milhões de hectares (ha) representou um crescimento de 6,3% (4,6 milhões de ha a mais) em relação à área colhida em 2022. O aumento de área e a melhoria

da produtividade das culturas de soja, milho, algodão e sorgo explicam o bom desempenho do setor, com destaque para as produções de algodão, soja e milho.

A propósito, cabe ressaltar a resiliência de alguns setores, mesmo diante de uma conjuntura ainda desafiadora, com taxas de juros elevadas e a continuidade do conflito Rússia-Ucrânia, embora com inflação em queda e as políticas de transferência de renda mantendo o consumo das famílias e impulsionando o mercado de trabalho com contínua geração de emprego formal.

Conforme dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho e Emprego, fornecidos por empresas e que abarcam o setor privado com carteira assinada, o Brasil criou 1.483.598 postos de trabalho com carteira assinada em 2023, queda de 26,31% em comparação com 2022, quando foram criados 2.013.261 postos. O resultado considera 23.257.812 admissões e 21.774.214 desligamentos no período.

O setor de Serviços foi o que mais contratou ao longo do ano, com 886.256 postos de trabalho criados. As áreas que tiveram mais destaque foram as de informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas e administração pública, defesa, seguridade social, educação, saúde humana e serviços sociais. O comércio foi o segundo grupo com maior crescimento de vagas. Foram criadas 276.528 vagas. De acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego, o dado é justificado pela aceleração do setor no quarto trimestre, com destaque para supermercados, minimercados e comércio de combustíveis.

O Ministério do Trabalho também informou que o salário médio de admissão foi de R\$ 2.026,33 em dezembro de 2023, com leve redução de R\$ 6,52 quando comparado com o valor corrigido de novembro, de R\$ 2.032,85. Na comparação com o mesmo mês de 2022, o ganho real foi de R\$ 40,17, alta de 2%.

Essa geração de empregos formais resultou na queda da taxa de desocupação que encerrou o quarto trimestre de 2023 em 7,4%, o equivalente a 0,3 ponto percentual (p.p.) a menos na comparação com o terceiro trimestre. Com o resultado, a taxa média anual do índice foi de 7,8% em 2023, o que representou uma retração de 1,8 p.p. ante a taxa de 2022, quando marcou 9,6%. Os dados são da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), divulgada pelo IBGE.

“A queda da taxa de desocupação ocorreu fundamentalmente por uma expansão significativa da população ocupada, ou seja, do número de pessoas trabalhando, que alcançou o recorde da série, iniciada em 2012”, explica a coordenadora de Pesquisas por Amostra de Domicílios do IBGE, Adriana Beringuy.

O resultado anual da taxa de desocupação é o menor desde 2014, confirmando a tendência já apresentada em 2022 de recuperação do mercado de trabalho após o impacto da pandemia de covid-19. O patamar está próximo do início da série histórica, em 2012, quando a taxa média foi de 7,4%. A menor taxa da série foi em 2014, com 7,0%.

A população desocupada média registrou redução de 17,6% em 2023, na comparação com 2022, chegando a 8,5 milhões de pessoas. Por sua vez, a população ocupada média voltou a bater recorde da série e chegou a 100,7 milhões de pessoas em 2023, resultado 3,8% acima de 2022. Em relação à média de 2022 (89,7 milhões de pessoas), representou um aumento de 12,3%.

Em 2023, o valor anual do rendimento real habitual foi estimado em R\$ 2.979, um aumento de 7,2% (ou R\$199) na comparação com 2022. O resultado aproxima-se do maior patamar da série, alcançado em 2014 (R\$ 2.989). Já o valor anual da massa de rendimento real habitual chegou a R\$ 295,6 bilhões, o maior da série, com alta de 11,7% (R\$ 30,9 bilhões a mais) em relação a 2022.

Diante de um leve avanço na Indústria geral e de quedas no comércio varejista e nos Serviços, o resultado do PIB do quarto trimestre refletiu o desempenho desses setores. Dados divulgados pelo IBGE mostram que o PIB apresentou estabilidade no quarto trimestre de 2023 em relação ao terceiro, sendo que o resultado registrado no terceiro foi o mesmo em relação ao segundo trimestre.

Pela ótica da oferta, Indústria (1,3%) e Serviços (0,6%) apresentaram taxas positivas, enquanto a Agropecuária caiu 5,3%, como era esperado, registrando a segunda queda consecutiva. O IBGE considerou que safras importantes, como as de soja e milho, estão concentradas no primeiro semestre, o que ajuda a explicar o resultado negativo.

No que se refere à demanda, a Formação Bruta de Capital Fixo e o Consumo do Governo cresceram à mesma taxa de 0,9%, enquanto o Consumo das Famílias apresentou variação negativa (-0,2%). Em relação ao comércio exterior, as exportações de Bens e Serviços ficaram praticamente estáveis (0,1%), enquanto as Importações tiveram alta de 0,9% nessa comparação.

Em relação ao quarto trimestre de 2022, a Agropecuária registrou estabilidade, o que pode ser explicado pelo desempenho negativo de alguns produtos que possuem safra relevante nesse trimestre e pela alta produtividade de outros. Entre os produtos agrícolas cujas safras costumam ser significativas no quarto trimestre destacam-se: trigo (-22,8%), laranja (-7,4%), mandioca (5,1%) e cana (14%).

A Indústria avançou 2,9% e os principais destaques foram: *Indústrias extrativas*, que cresceram 10,8%, e *Eletricidade e gás, água, esgoto* (8,7%), segmento influenciado pelas altas temperaturas do período. A atividade de *Construção* avançou 0,9% no quarto trimestre de 2023, enquanto a *Indústria de transformação* teve resultado negativo de 0,5%. Já o setor de Serviços cresceu 1,9% nesse período na comparação com o mesmo trimestre de 2022.

Dentre os componentes da demanda interna no quarto trimestre de 2023, o Consumo das Famílias cresceu 2,3%, favorecido pela continuidade da melhora no mercado de trabalho, o arrefecimento da inflação e os programas governamentais de transferência de renda. O Consumo do Governo (3,0%) também teve elevação no período, enquanto a Formação Bruta de Capital Fixo teve queda de 4,4%, justificada pelo declínio da produção interna e da importação de *Bens de capital*.

No setor externo, as exportações de Bens e Serviços cresceram 7,3% enquanto as Importações de Bens e Serviços recuaram 0,9% no quarto trimestre de 2023. Entre os produtos exportados, destacaram-se os segmentos de *Agricultura, Extrativa mineral, Derivados de petróleo e Produtos alimentícios*. Dentre as importações, as maiores quedas foram nos segmentos de *Produtos químicos, Derivados de petróleo, Produtos farmacêuticos e Máquinas e equipamentos*.

Diante desses resultados, o PIB do quarto trimestre de 2023, em relação ao mesmo período do ano anterior, avançou 2,1%, apresentando o 12º resultado positivo consecutivo nessa comparação.

No acumulado de 2023, o crescimento da economia brasileira foi mais alto do que o esperado pelo mercado no início do ano, que apontava um PIB anual de apenas 1%. Durante 2023, o PIB foi impulsionado principalmente pelo resultado do agronegócio. O desempenho da atividade econômica no ano foi bastante desigual, concentrada no primeiro semestre e com forte queda dos investimentos ao longo dos trimestres seguintes.

O PIB do país apresentou estabilidade no quarto trimestre de 2023 e encerrou o ano com crescimento de 2,9%, totalizando R\$ 10,9 trilhões. De 2022 para 2023, o setor da Agropecuária cresceu 15,1%, enquanto a Indústria (1,6%) e os Serviços (2,4%) também apresentaram aumento. Já o PIB *per capita* alcançou R\$ 50.194, um avanço, em termos reais, de 2,2% em relação a 2022. Os dados são do Sistema de Contas Nacionais Trimestrais, elaborado pelo IBGE.

O resultado recorde do setor da Agropecuária, superando a queda apresentada em 2022, teve influência do crescimento da produção e do ganho de produtividade da atividade de

Agricultura. “Esse comportamento foi puxado muito pelo crescimento de soja e milho, duas das mais importantes lavouras do Brasil, que tiveram produções recorde”, explica Rebeca Palis, coordenadora de Contas Nacionais do IBGE.

No caso da Indústria, o IBGE destacou a influência positiva do segmento extrativo. Essa atividade teve alta de 8,7% no ano por causa do aumento da extração de petróleo, gás natural e minério de ferro. A Agropecuária e o segmento extrativo da Indústria têm grande impacto do mercado externo.

No que se refere à demanda, o consumo das famílias avançou 3,1% em 2023. A alta havia sido de 4,1% em 2022, quando o crescimento do consumo teve influência da melhora do mercado de trabalho, com aumento da ocupação e da massa salarial, além da redução da inflação, principalmente do grupo de *Alimentos e bebidas*. O nível elevado dos juros, por sua vez, representou um entrave para um avanço maior desse indicador.

Outro componente da demanda que costuma sentir o impacto dos juros é o dos investimentos produtivos na economia, medidos pela Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), que registrou queda de 3%. Foi a maior redução dos investimentos desde 2016 (-12,1%), quando o Brasil estava em recessão. O que puxou a taxa de investimento para baixo em 2023, de 16,5% do PIB, menor que em 2022. A taxa de poupança, por sua vez, ficou em 15,4% em 2023 (ante 15,8% no ano anterior).

Em linhas gerais, os números do PIB de 2023 trazem otimismo, mas ainda estão longe de denotar um crescimento estruturalmente robusto da economia. Haja vista o impulso altamente associado à Agropecuária e ao consumo das famílias pela força do mercado de trabalho, às transferências de renda do governo e à desaceleração da inflação, enquanto os investimentos seguem deprimidos, diante de uma política monetária restritiva e da incerteza em relação à geopolítica mundial.

Para o PIB de 2024, a expectativa é de desaceleração. Analistas do mercado projetam um avanço de 1,77%, segundo a mediana do boletim Focus (publicado em 5 de março pelo Banco Central). As estimativas vêm subindo nas últimas semanas. Ao final de 2023, por exemplo, o mercado esperava um crescimento menor, de 1,52%, para o PIB do ano seguinte. Neste ano, a atividade econômica não deve contar com o mesmo impulso da Agropecuária, já que os fenômenos climáticos atuais afetam negativamente a produção agrícola.

Os juros, por sua vez, estão em ciclo de queda. O corte da taxa de juros Selic é visto como possível estímulo para o consumo e para os investimentos em 2024. O crescimento dos investimentos está ligado ao desempenho da *Construção* e da *Indústria de transformação*.

Além disso, a taxa Selic em trajetória de queda, a manutenção do mercado de trabalho aquecido e os estímulos fiscais por parte do governo federal devem ser os principais responsáveis pelo crescimento do consumo das famílias.

O Fundo Monetário Internacional (FMI) está mais otimista com o Brasil e vê o país crescendo 1,7% em 2024, contra projeção anterior de 1,5%, conforme a atualização, em janeiro, do seu relatório Perspectiva Econômica Mundial (WEO, na sigla em inglês). Ainda assim, a economia brasileira deve desacelerar em relação a 2023.

O FMI observa em seu relatório que: “a melhoria nas projeções para o Brasil reflete, em grande parte, os efeitos de políticas de transferência de renda e de uma demanda interna mais forte do que o esperado e de um crescimento superior ao previsto nas grandes economias parceiras comerciais em 2023”.

Cenário estadual

Com base nas pesquisas mensais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a atividade econômica da Bahia no quarto trimestre de 2023 apresentou resultados positivos na indústria geral, no comércio varejista, nos serviços e na produção de grãos, em comparação com o mesmo trimestre de 2022. As exportações, nesse mesmo intervalo, registraram queda.

A expansão do comércio e dos serviços foi impulsionada pela geração de empregos, pelo valor mais elevado do benefício do Programa Bolsa Família, pelo aumento da renda disponível para a faixa de até dois salários mínimos pela isenção do imposto de renda, pela entrada em vigor do programa Desenrola Brasil e pela queda da inflação, principalmente no segmento de *Alimentos e bebidas*.

A conjuntura externa, ainda pouco favorável, reduziu a demanda por *commodities*. A magnitude dessa redução acompanhou as vendas externas durante todo o ano, tendo em vista a base de comparação elevada, a queda de preços, a política monetária restritiva mundial, além da incerteza sobre os rumos da guerra Rússia-Ucrânia, o que afetou negativamente as exportações.

Em 2023, a indústria baiana, com base no indicador da produção física, ajustado sazonalmente, registrou aumento de 6,0% no quarto trimestre, sendo que, no terceiro trimestre, havia registrado queda de 9,6%, conforme dados da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE. Depois de três trimestres de queda, a indústria geral da Bahia voltou a crescer no último trimestre do ano em relação a 2022, com taxa de 7,0%, devido a uma base de comparação baixa e à expansão das atividades de *Derivados de petróleo* (24,2%), *Alimentos* (4,8%) e *Produtos de borracha e de material plástico* (4,9%).

Em 2023, a indústria baiana caiu 1,8% em comparação com o mesmo período do ano anterior. Na análise das atividades, observa-se que a maioria apresentou taxas negativas, com destaque para a *Indústria extrativa*, que registrou o principal impacto negativo para a indústria baiana (-22,2%). O segmento, que teve suas atividades paralisadas em dezembro de 2022, por questões de segurança, e retomadas em maio, impactou negativamente a extração de petróleo e gás durante todo ano de 2023. Além dessas atividades, outras também apresentaram resultados negativos como: *Produtos químicos* (10,3%); *Celulose e papel*, que recuou 5,3%, e *Metalurgia* (3,9%), essas duas últimas em razão de paradas técnicas programadas ou não.

As perspectivas para o ano de 2024 são de crescimento na produção dos setores mais tradicionais. *Alimentos e bebidas* têm sido beneficiados pelo aumento da massa de rendimento da população ocupada. A recuperação de setores voltados ao mercado externo depende da melhora do ambiente geopolítico e da promoção de uma política econômica mais expansionista nos países desenvolvidos.

No quarto trimestre de 2023, o crescimento do *Comércio* foi de 4,4% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, já no sazonal houve estabilidade. O comportamento do varejo ligado ao crédito e à disponibilidade de renda pode explicar a trajetória do setor no trimestre em questão. Enquanto o varejo relacionado ao crédito engloba bens duráveis, como móveis, eletrodomésticos e veículos, o atrelado à disponibilidade de renda contempla itens mais essenciais, como alimentos, artigos farmacêuticos e combustíveis. Nesse âmbito, as políticas de incentivos do governo federal podem aumentar ou reduzir a disparidade da trajetória dos segmentos diretamente influenciados por essas variáveis.

Na análise do acumulado do ano, observa-se que o varejo restrito manteve o crescimento nas vendas. A expansão de 4,8% foi influenciada pelos segmentos de *Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação* (13,0%), *Combustíveis e lubrificantes* (12,2%), *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos* (6,4%) e *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo* (5,0%).

Em contrapartida, *Móveis e eletrodomésticos* (1,5%), *Livros, jornais, revistas e papelaria* (-14,5%), *Outros artigos de uso pessoal e doméstico* (-10,6%) e *Tecidos, vestuário e calçados* (-4,2%) apresentaram comportamento negativo nas suas vendas.

O volume de serviços na Bahia, quando comparado com o quarto trimestre do ano anterior, marcou crescimento de 5,6%. Nessa análise, quatro das cinco atividades impulsionaram o volume de serviços para cima, com destaque para a atividade de *Serviços de informação e comunicação* (14,9%), com a variação mais expressiva, seguida por *Serviços profissionais*,

administrativos e complementares (13,3%), *Serviços prestados às famílias* (3,6%) e *Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio* (1,1%). Por sua vez, apenas o segmento *Outros serviços* (11,1%) apresentou recuo.

O volume de serviços da Bahia, no acumulado do ano de 2023, avançou 6,7% em relação ao mesmo período do ano anterior, mantendo a tendência de expansão iniciada no segundo trimestre (6,6%) de 2021. Quatro das cinco atividades impulsionaram o volume de serviços para cima, com destaque para a atividade de *Serviços de informação e comunicação* (13,8%), que contabilizou a variação mais expressiva, seguida por *Serviços profissionais, administrativos e complementares* (9,0%), *Serviços prestados às famílias* (7,8%) e *Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio* (3,7%). Apenas o segmento *Outros serviços* (-0,3%) apresentou retração.

A produção agrícola estimada pelo IBGE e pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) aponta para o quarto ano consecutivo de produção recorde de grãos no estado. De acordo com a Conab, a produção baiana de grãos superou os 13 milhões de toneladas na temporada 2022/2023, representando alta de 10,9% em relação ao ciclo 2021/2022. O IBGE, por sua vez, indicou produção de 12,1 milhões de toneladas de cereais, oleaginosas e leguminosas produzidas na Bahia em 2023, representando um crescimento de 6,9% na comparação com a safra de 2022.

No quarto trimestre de 2023, as exportações alcançaram US\$ 3,21 bilhões com queda de 3% em relação ao mesmo período do ano anterior. Esse desempenho negativo ocorreu ao longo de todos os trimestres do ano. Já as importações encerraram o quarto trimestre em US\$ 1,74 bilhão, com queda de 26,4%, segundo pior desempenho do ano, superado apenas pelo terceiro trimestre.

No acumulado do ano, as vendas externas do estado alcançaram US\$ 11,32 bilhões, um recuo de 18,7%, bem abaixo dos US\$ 13,92 bilhões do ano anterior, impactadas tanto por conta do efeito preço, quanto pelo efeito quantum. Os preços médios caíram 12,1%, e também houve uma redução no volume embarcado, de 7,5%.

As importações, por sua vez, atingiram US\$ 8,51 bilhões, 25% abaixo do ano anterior. Nas compras externas houve queda de volume e de preços médios, que recuaram 6,2% e 20,1%, respectivamente. O resultado foi uma redução mais expressiva no desembolso com importações, reflexo da falta de dinamismo da atividade econômica.

O saldo comercial do estado cresceu 9,2%, alcançando US\$ 2,80 bilhões, favorecido pela redução mais acentuada das importações em relação às exportações. Por sua vez, a corrente

de comércio, que é soma das exportações e importações e é considerada o principal indicador da dinâmica do comércio exterior, alcançou US\$ 19,8 bilhões, representando queda de 21,6% no comparativo interanual.

A resiliência da atividade econômica se refletiu no mercado de trabalho. Em 2023, de acordo com os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), o montante de empregos formais no estado ampliou-se, com o surgimento de 71.922 novos postos de trabalho. Esse saldo foi de 41,2% abaixo do resultado de 2022, quando 122.455 postos de trabalho foram criados, com as declarações fora do prazo.

Com esse resultado, o estado passou a contar com 1.973.471 vínculos celetistas ativos em 2023, uma variação de 3,78% sobre o quantitativo do ano anterior.

Segundo o levantamento da *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua* (PNADContínua), a taxa trimestral de desocupação na Bahia ficou em 12,7% no quarto trimestre de 2023. Trata-se de uma retração de 0,8 p.p. em relação ao mesmo trimestre de 2022. No ano, a taxa de desocupação foi de 13,2%.

Em resumo, as pesquisas mensais referentes ao quarto trimestre mostraram que os resultados positivos para a indústria geral, o comércio varejista, os serviços e a geração de emprego formal contribuíram para o incremento do Produto Interno Bruto (PIB) da Bahia durante esse período. De acordo com o cálculo feito pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o PIB baiano cresceu 2,6% quando comparado ao mesmo trimestre de 2022. Todos os setores registraram expansão: Agropecuária, com taxa positiva de 6,6%; Indústria, com alta de 5,0%, e Serviços, com 1,3%, na mesma base de comparação.

Já na comparação com o terceiro trimestre de 2023, com ajuste sazonal, houve alta de 1,1% no PIB. No ano de 2023, a economia baiana registrou crescimento de 1,1%.

A principal contribuição para a expansão de 1,1% do PIB baiano em 2023 foi a do setor Agropecuário, que registrou crescimento acumulado de 5,2%. O setor de Serviços, que possui o maior peso na estrutura econômica do estado, também contribuiu positivamente para o resultado do PIB, com expansão de 1,9%. Dentre as atividades de Serviços, a maior variação foi observada em *Outros serviços* (6,1%), com destaque para as *Atividades profissionais* e as de *Educação e saúde*. As *Atividades imobiliárias*, por sua vez, cresceram 2,5% no ano, elevando sua participação no PIB.

Já o setor industrial apresentou queda de 1,7% no ano. O resultado negativo deve-se às retrações nas *Indústrias de transformação* (2,9%), *Indústrias extrativas* (8,5%) e *Construção*

civil (0,7%). Somente o segmento de *Geração, distribuição e consumo de energia elétrica, gás e água registrou desempenho positivo no setor (4,7%)*.

As perspectivas para a atividade econômica em 2024 são de crescimento moderado, devido à retração da Agropecuária, impactada pelo fenômeno do El Niño desde fins de 2023, o que deve reduzir a safra anual de grãos em 9,1%, conforme *Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA)* do IBGE. Os Serviços devem continuar em um ritmo positivo de crescimento, respondendo às políticas de geração de empregos, à elevação do poder de compra, à queda da inflação e ao crescimento da massa real de rendimentos.

O setor industrial também deve apresentar resultados positivos, impulsionado pela fabricação de derivados de petróleo, bebidas e celulose. E também pelo crescimento mais forte do segmento da *Construção*, impulsionado pelos investimentos em infraestrutura, habitacional e social.

AGROPECUÁRIA

Carla Janira Souza do Nascimento
carlajanira@sei.ba.gov.br

Cenário Brasil

A safra agrícola brasileira de 2023 foi beneficiada por condições climáticas mais favoráveis, repetindo o recorde da safra de 2022. De acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)¹, a colheita das culturas no Brasil aponta para uma produção de grãos de 320 milhões de toneladas (t)². O volume representa uma alta de 17,3% na comparação com a temporada 2021/2022. A área plantada, estimada em 78,5 milhões de hectares (ha), corresponde a um crescimento de 5,3%, em comparação com o ciclo anterior.

Por sua vez, o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA)³, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁴, mostra uma safra nacional de 315 milhões de t de cereais, leguminosas e oleaginosas. A estimativa supera em 19,8% a safra obtida em 2022. A área colhida, de 78 milhões de ha, representa um crescimento de 6,3% (4,6 milhões de ha a mais) em relação à área colhida em 2022. O aumento de área e a melhoria da produtividade das culturas de soja, milho, algodão e sorgo explicam o bom desempenho do setor, com destaque para as estimativas da produção de algodão, soja e milho.

Cenário Bahia

A produção agrícola estimada pelo IBGE e pela Conab aponta para o quarto ano consecutivo de colheita recorde de grãos no estado da Bahia. A demanda aquecida e os preços atrativos estimularam os produtores a ampliarem a área de plantio, principalmente nas lavouras de algodão (25,4%) e soja (4,5%).

1 COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Séries históricas das safras. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/serie-historica-das-safras#gr%C3%A3os-2>. Acesso em: 21 fev. 2021.

2 Estimativa em fevereiro de 2024.

3 LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA. Rio de Janeiro: IBGE, dez. 2023. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2415/epag_2023_dez.pdf. Acesso em: 12jan. 2024.

4 Refere-se ao décimo segundo levantamento divulgado pelo IBGE, que tem o ano civil como referência para fins de levantamento da produção agrícola.

Conforme dados da Conab⁵, a produção baiana de grãos superou 13 milhões de t na temporada 2022/2023, representando alta de 10,9% em relação ao ciclo 2021/2022. O IBGE⁶, por sua vez, registrou produção de 12,1 milhões de t de cereais, oleaginosas e leguminosas⁷ produzidas na Bahia em 2023, representando um crescimento de 6,9% na comparação com a safra 2022.

Gráfico 1
Estimativas comparadas da safra de grãos – Bahia – 2022/2023



Fonte: Conab (2024) e Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (2024).

Elaboração: SEI/Diostat/CAC.

Nota: valores em mil toneladas.

De acordo com o LSPA do IBGE⁸, a produção de algodão (caroço e pluma) está estimada em 1,74 milhão de t, representando alta de 29,1% em relação a 2022. A área plantada com a fibra (364 mil ha) superou em 25,4% a do ano passado. Nas áreas irrigadas no oeste baiano, a boa insolação e as baixas temperaturas noturnas favoreceram o desenvolvimento das lavouras. Ademais, o controle contra a infestação do bicudo foi bem executado, o que proporcionou maior produtividade agrícola.

5 Os dados referem-se às estimativas de fevereiro de 2024, cujo ano agrícola vai de outubro do ano anterior a setembro de 2023.

6 Refere-se ao décimo segundo levantamento divulgado pelo IBGE, que tem o ano civil como referência para fins de levantamento da produção agrícola.

7 Algodão (caroço de algodão), amendoim, arroz, aveia, centeio, cevada, feijão, girassol, mamona, milho, soja, sorgo, trigo e triticale.

8 LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA. Rio de Janeiro: IBGE, dez. 2023. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2415/epag_2023_dez.pdf. Acesso em: 12 jan. 2024.

O volume colhido da soja alcançou 7,57 milhões de t, 4,5% acima do verificado em 2022. Dessa forma, a safra da oleaginosa deve atingir recorde pelo quarto ano consecutivo. A área plantada no estado ficou projetada em 1,9 milhão de ha (4,5% acima do observado em 2022).

As duas safras anuais do milho somaram 3,09 milhões de t, o que representa crescimento de 8,9% na comparação anual. Com relação à área plantada (698 mil ha), o IBGE apontou um decréscimo de 0,3% em relação à safra anterior. A estimativa da primeira safra anual foi de 2,35 milhões de t, um aumento de 7,3% em comparação com a de 2022. Já a segunda safra (745 mil t) registrou avanço de 14,6% em relação à colheita do ano anterior.

A estimativa para a lavoura do feijão é de 239 mil t, representando recuo de 2,1% na comparação com a safra de 2023. O levantamento manteve a estimativa de 417 mil ha plantados, a mesma observada no ano anterior. A primeira safra da leguminosa (143,5 mil t) teve redução de 1,4% em relação à de 2022 e a segunda safra (95,3 mil t) apontou variação negativa de 3,1%, na mesma base de comparação.

Com relação à área plantada de grãos, estima-se ampliação de 3,1% no ciclo 2022/2023, com área colhida de 3,76 milhões de ha. Dessa forma, o rendimento médio do conjunto das lavouras pesquisadas ficaria em torno de 3,59 t/ha.

A produção de algodão está estimada em 1,5 milhão de t, plantada em 313 mil ha, o que representa um crescimento de 17,4% em relação ao ciclo 2021/2022.

De acordo com a Conab, a soja deve apresentar mais um ciclo de alta, devido a uma área plantada 1,4% maior que a da temporada anterior. Com isso, a produção pode alcançar um novo patamar recorde de 7,72 milhões de t na atual temporada, crescimento de 6,0% na comparação com a do ciclo anterior.

Com relação à safra de milho, há expectativa de que a atual possa alcançar 3,9 milhões de t. As principais contribuições provêm da primeira (2,85 milhões de t) e da terceira (954 mil de t) safra do cereal. Ao todo, a produção de milho no estado da Bahia apresenta uma previsão de crescimento de 16,5% em relação ao período anterior.

A expectativa de crescimento também está associada à produção de feijão, cujo volume de 289 mil t (plantados em 432 mil ha) representa crescimento de 1,8% em relação ao ciclo 2021/2022.

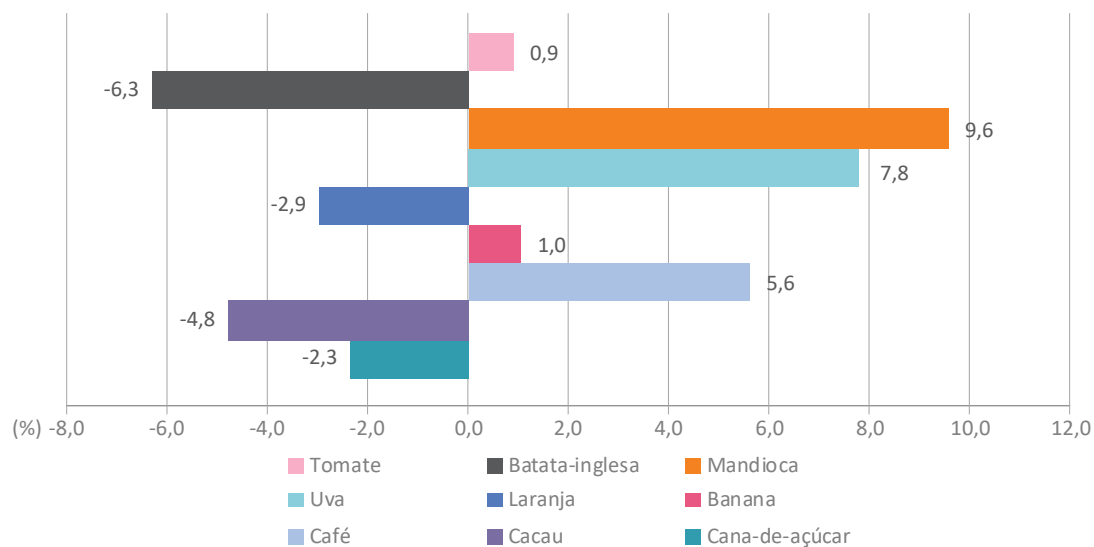
OUTRAS LAVOURAS PERMANENTES E TEMPORÁRIAS

Para a lavoura da cana-de-açúcar, o IBGE estimou produção de 5,47 milhões de t, revelando queda de 2,3% em relação à safra 2022. A produção de cacau, que ficou projetada em 120 mil t, também aponta retração de 4,8% na comparação anual.

Em relação ao café, está prevista a colheita de 247 mil toneladas em 2023, 5,6% acima do observado no ano anterior. A safra do tipo arábica está projetada em 101 mil t, com variação anual negativa de 0,2%. Por sua vez, a safra do tipo canéfora tem previsão de 146 mil t, o que corresponde a um volume 9,7% acima do patamar do ano anterior.

GRÁFICO 2

Variação percentual anual da produção de outras lavouras permanentes e temporárias Bahia – 2022/2023



Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (2024).
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

As lavouras de banana (914 mil t), laranja (634 mil t) e uva (66 mil t), por sua vez, registraram, respectivamente, variações de 1,0%, -2,9% e 7,8%, em relação à safra anterior.

O levantamento ainda indicou uma produção de 938 mil t de mandioca, 9,6% acima do resultado obtido em 2022. Já a produção de batata-inglesa (332 mil t) apresentou recuo de 6,3%, enquanto a de tomate (180 mil t) registrou acréscimo de 0,9% na comparação com o ano anterior.

Pecuária

De acordo com as estatísticas da produção pecuária do IBGE⁹, coletadas pelos sistemas de inspeção federal, estadual e municipal, na Bahia foram abatidas aproximadamente 317 mil cabeças de bovinos no terceiro trimestre de 2023, o que corresponde a uma alta de 20,0% na comparação com mesmo período de 2022. No acumulado dos três primeiros trimestres, houve crescimento de 16,2% do indicador em relação ao mesmo intervalo de 2022. Já o abate de suínos (78 mil cabeças) apresentou aumento na comparação interanual (2,8%) e redução no acumulado de janeiro a setembro (-6,9%).

Os frangos abatidos no período somaram 32 milhões de cabeças, o que representa recuo de 5,8% em relação ao terceiro trimestre de 2022. Já no intervalo de janeiro a setembro foram abatidas 98 milhões de cabeças, o que corresponde a uma queda de 5,2% em relação ao mesmo período de 2022. A produção de ovos de galinha, por sua vez, totalizou 20 milhões de dúzias no terceiro trimestre de 2023. O resultado representou redução de 3,2% em relação ao mesmo período do ano anterior. Já no intervalo de janeiro a setembro houve aumento de 2,1% em comparação ao mesmo período de 2022.

No que se refere à produção de leite, esta alcançou 128 mil litros no terceiro trimestre de 2023, com crescimento de 8,0% em relação ao mesmo período do ano anterior. Na comparação de janeiro a setembro, houve avanço de 1,0%.

9 INDICADORES IBGE: estatística da produção pecuária. Rio de Janeiro: IBGE, ago./set. 2023. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2380/epp_2023_3tri.pdf. Acesso em: 20 fev.2024.

PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Carla Janira Souza do Nascimento
carlajanira@sei.ba.gov.br

Os efeitos da política monetária restritiva tanto no Brasil como nas grandes economias mundiais, a demanda doméstica fraca e a instabilidade do ambiente internacional, somados à conturbada geopolítica mundial, com os conflitos no Leste Europeu e no Mar Vermelho, afetaram diretamente a transformação industrial no Brasil. Porém, no último trimestre de 2023, com o conforto da política monetária e a perspectiva de aumento de investimentos, a indústria brasileira apresentou crescimento de 1,1% no indicador da produção física em relação ao terceiro trimestre, após registrar estabilidade em relação ao trimestre imediatamente anterior.

O avanço da produção industrial do país reflete o aumento da confiança dos empresários do setor no período. O Índice de Confiança da Indústria (ICI) da Fundação Getulio Vargas (FGV-IBRE) aumentou 5,1 pontos entre setembro e dezembro, indo para 95,6 pontos. Segundo o especialista Stéfano Pacini, da FGV¹, “a alta de dezembro reflete a percepção de melhora dos empresários em relação à situação atual, reflexo de um aumento gradual da demanda, e pelo movimento de redução no nível dos estoques que começam a se reaproximar do nível neutro”.

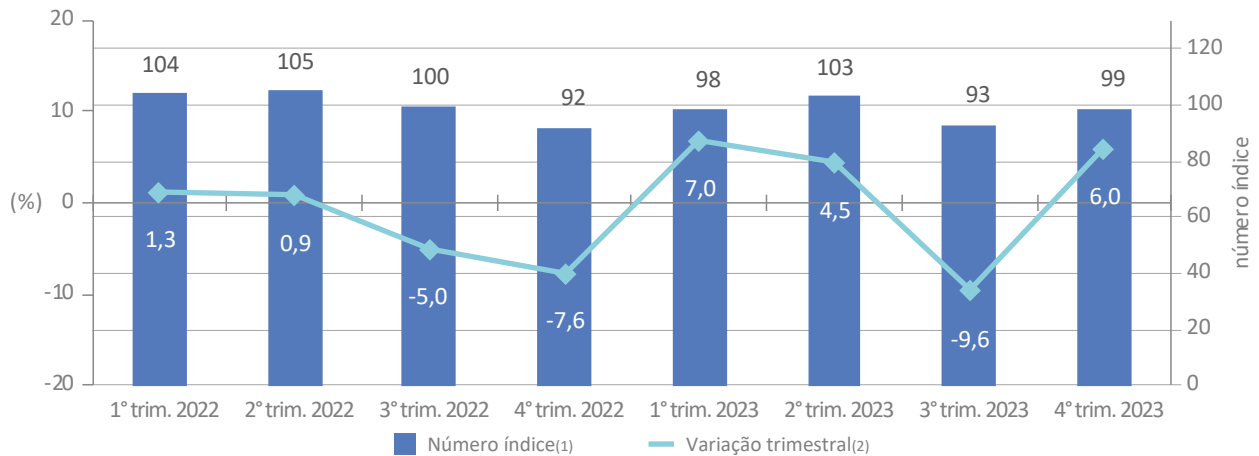
A indústria baiana, por sua vez, com base no indicador da produção física ajustado sazonalmente, registrou aumento de 6,0% no quarto trimestre de 2023, em relação ao trimestre imediatamente anterior, o qual havia registrado queda de 9,6%, conforme dados da Pesquisa Industrial Mensal (PIM)², representados no Gráfico 1.

1 SONDA GEM DA INDÚSTRIA: Índice de Confiança da Indústria. FGV/IBRE: Rio de Janeiro, dez. 2023. Disponível em: https://portalibre.fgv.br/system/files?file=2023-12/sondagem-da-industria-fgv_press-release_dez23_0.pdf. Acesso em: 19 fev. 2023.

2 PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL: produção física: regional. Rio de Janeiro: IBGE, dez. 2023. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/229/pim_pfr_2023_dez.pdf. Acesso em: 16 fev. 2023.

Gráfico 1

Produção física industrial (%) – Bahia – 1º trim. 2022-4º trim. 2023



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2024).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: (1) Número índice ajustado sazonalmente.

(2) Variação no trimestre em relação ao trimestre exatamente anterior. Dados ajustados sazonalmente.

Nesse sentido, na comparação com o trimestre anterior, destacam-se os aumentos nos segmentos de *Derivados de petróleo* (13,4%), *Celulose e papel* (4,8%) e *Metalurgia* (5,5%)³.

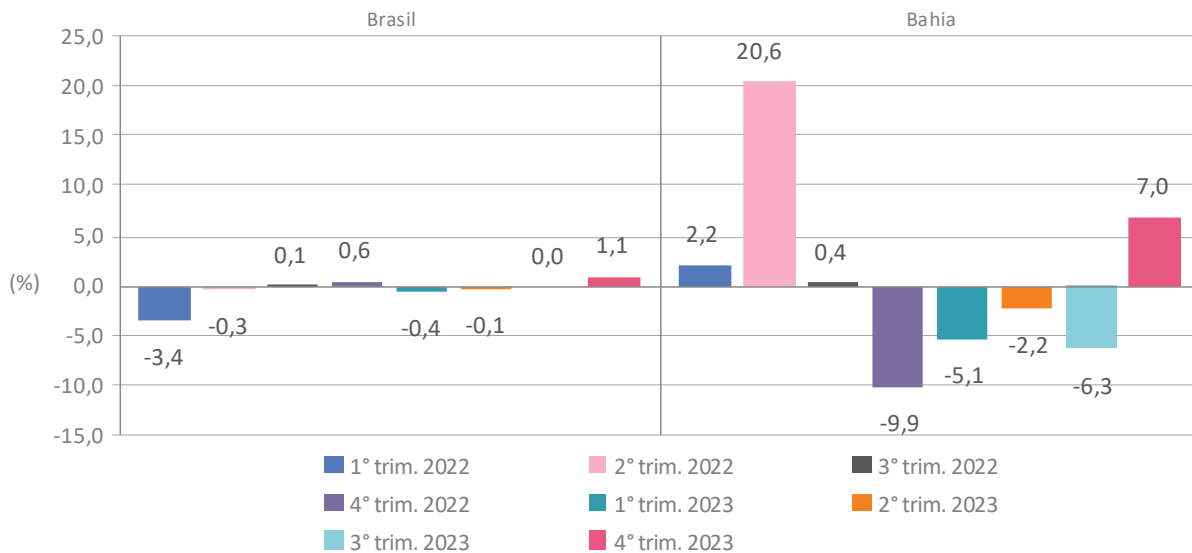
Na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, a produção física da indústria baiana reverteu a queda em relação ao terceiro trimestre, passando de -6,3% para 7,0% (Gráfico 2). Para efeito de comparação, no mesmo período, a produção industrial do país registrou avanço de 1,1% após apresentar estabilidade por três trimestres consecutivos, com taxas de -0,4%, -0,1% e 0,0% respectivamente, em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. A principal contribuição positiva no trimestre para o setor nacional veio de *Bens intermediários* (2,3%), seguido por *Bens semiduráveis e não duráveis* (2,7%). Para *Bens intermediários*, destacam-se os avanços em *Derivados do petróleo* (7,2%), *Alimentos* (4,9%) e *Têxtil* (8,9%). E em *Bens de consumo semi e não duráveis*, ressalta-se o aumento de *Abate de reses, exceto suínos* (15,8%) e na produção de *Álcool e gasolina* (18,5%).

Na Bahia, por sua vez, destacam-se os avanços em *Derivados de petróleo* (24,2%), *Alimentos* (4,8%) e *Produtos de borracha e de material plástico* (4,9%). Em sentido contrário, observam-se recuos nos segmentos de *Produtos químicos* (-5,0%), *Minerais não metálicos* (-8,4%), *Metalurgia* (-7,6%) e *Extrativa* (-2,3%).

³ Elaboração própria do ajuste sazonal.

Gráfico 2

Produção física industrial - Brasil e Bahia – 1º trim. 2022-4º trim. 2023



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2024).

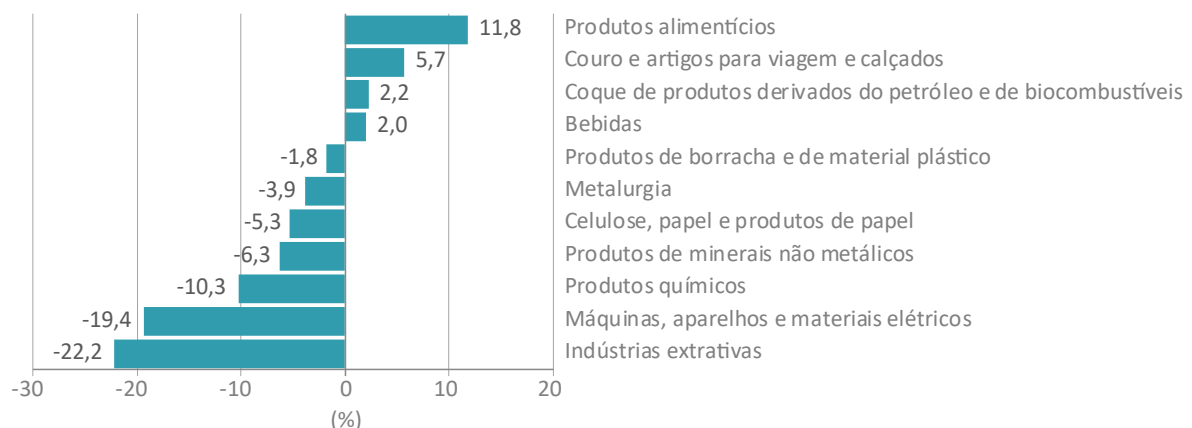
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: Variação no trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

De janeiro a dezembro de 2023, a indústria baiana retrocedeu 1,8% em comparação com o mesmo período do ano anterior. Na análise dos segmentos industriais, observa-se que a maioria apresentou taxas negativas, conforme dados apresentados no Gráfico 3.

Gráfico 3

Produção física da indústria por setores de atividade (%) – Bahia – Jan.-set. 2023



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2024)

Elaboração: SEI/Distat/CAC

Nota: Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

A *Indústria extrativa* representou o principal impacto negativo para a indústria baiana, com taxa de -22,2% no período de janeiro a dezembro de 2023, principalmente em decorrência do recuo na produção de óleos brutos de petróleo e gás natural. O segmento teve suas atividades paralisadas em dezembro de 2022 por questões de segurança, e só as retomou em maio do ano seguinte, o que impactou a extração de petróleo e gás durante todo ano de 2023.

Considerando-se os segmentos que mais influenciaram o resultado negativo da *Indústria de transformação* baiana (-0,3%) no período de janeiro a dezembro de 2023, destaca-se o de *Produtos químicos*, que declinou 10,3% no período, em razão da menor produção de bens químicos de uso industrial. A falta de competitividade dos produtos químicos nacionais, em razão dos elevados custos de sua principal matéria-prima, o gás natural, motivou o aumento das importações pelo mercado interno, prejudicando, conseqüentemente, a produção do setor. Além disso, há também as baixas tarifas de importação e a indisponibilidade do Regime Especial da Indústria Química (REIQ) que contribuíram para reduzir ainda mais a competitividade do setor.

O segmento de *Máquinas, aparelhos e materiais elétricos* registrou recuo de 19,4%, atribuído, principalmente, à menor produção de equipamentos e aparelhos elétricos, geradores e eletrodomésticos.

O segmento de *Papel e celulose*, que recuou 5,3% no período, foi impactado por uma parada programada para manutenção em uma de suas unidades de produção durante o segundo trimestre do ano. Essa interrupção resultou em queda na produção de pasta química de madeira. No que se refere aos preços, houve alta anual de 5,1% no preço médio do segmento de *Papel e celulose*, de acordo com o Boletim de Comércio Exterior da Bahia (2024)⁴.

A redução em *Metalurgia* ocorreu, sobretudo, pela menor produção de derivados de cobre, ferrossilício e ferrocromo. Essa queda foi influenciada por paradas programadas e não programadas de unidades de produção, e pela menor demanda externa por produtos metalúrgicos, especialmente derivados de cobre. No acumulado de janeiro a dezembro de 2023, as vendas externas do segmento metalúrgico recuaram 34,5%, e os preços médios dessa produção retraíram 31,5%.

4 DESEMPENHO do comércio exterior baiano. Boletim de Comércio Exterior da Bahia, Salvador, dez. 2023. Disponível em: https://sei.ba.gov.br/images/releases_mensais/pdf/bce/bce_dez_2023.pdf. Acesso em: 26 fev. 2024.

Por sua vez, o segmento de *Borracha e material plástico*, com queda de 1,8% no mesmo período, teve o desempenho influenciado principalmente pela baixa produção de pneus novos para automóveis e caminhões.

A produção de *Minerais não metálicos* caiu 6,3% no período. Houve recuo, principalmente, na fabricação de produtos cerâmicos e artefatos de cimento ou concreto. O desempenho do setor industrial reflete as incertezas dos empresários diante da conjuntura de restrição de acesso ao crédito, atrelada às elevadas taxas de juros que impactam o segmento da *Construção*. Todavia, a expectativa de mais lançamentos de empreendimentos imobiliários subsidiados pelo governo federal e as medidas do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) devem alavancar todo o setor, estimulando a produção nos próximos trimestres.

A principal contribuição positiva para o período veio da indústria de *Alimentos*, atribuída, em especial, à maior produção de açúcar, carne bovina, óleo de soja, leite em pó e farinha de trigo. A demanda por alimentos acompanha a dinâmica do emprego e da renda, que registrou forte crescimento no quarto trimestre de 2023. Além disso, redução da taxa de inflação, principalmente de *Alimentos e bebidas* (-0,39%), contribuiu para minimizar a perda de poder aquisitivo da população, estimulando as vendas de alimentos⁵.

Já o segmento de *Derivados de petróleo* registrou avanço de 2,2% na produção, principalmente pelo aumento no processamento de gasolina e óleo diesel. No quarto trimestre houve aumento no preço médio de *Derivados de petróleo* (9,1%)⁶ após quatro trimestres consecutivos de queda.

Na indústria de *Couro e calçados*, por sua vez, o crescimento de 5,7% ocorreu especialmente pelo aumento na produção de calçados, influenciado pela expansão da demanda por esses produtos e pela melhora no rendimento das famílias.

Já a indústria de *Bebidas* cresceu 2,0% no período, devido à maior produção de refrigerantes e águas minerais. A expectativa é de continuidade de expansão do segmento nos próximos trimestres, motivada pelo crescimento da demanda durante o verão.

5 No quarto trimestre houve crescimento de 8,2% no volume de vendas no varejo do segmento de Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo em comparação com o mesmo trimestre de 2022, conforme a PESQUISA MENSAL DO COMÉRCIO. Rio de Janeiro: IBGE, dez. 2023. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/pmc/bahia>. Acesso em: 16 fev. 2023.

6 DESEMPENHO do comércio exterior baiano. Boletim de Comércio Exterior da Bahia, Salvador, dez. 2023. Disponível em: https://sei.ba.gov.br/images/releases_mensais/pdf/bce/bce_dez_2023.pdf. Acesso em: 26 fev. 2024.

Para o primeiro trimestre de 2024, é esperada a manutenção do crescimento na produção dos segmentos mais tradicionais, como *Alimentos e Bebidas*, que têm sido beneficiados pelo aumento da massa de rendimento da população ocupada. No decorrer do ano, a expectativa é de dinamização na atividade industrial à medida que os investimentos previstos sejam realizados e a proposta de reforma tributária seja efetivada.

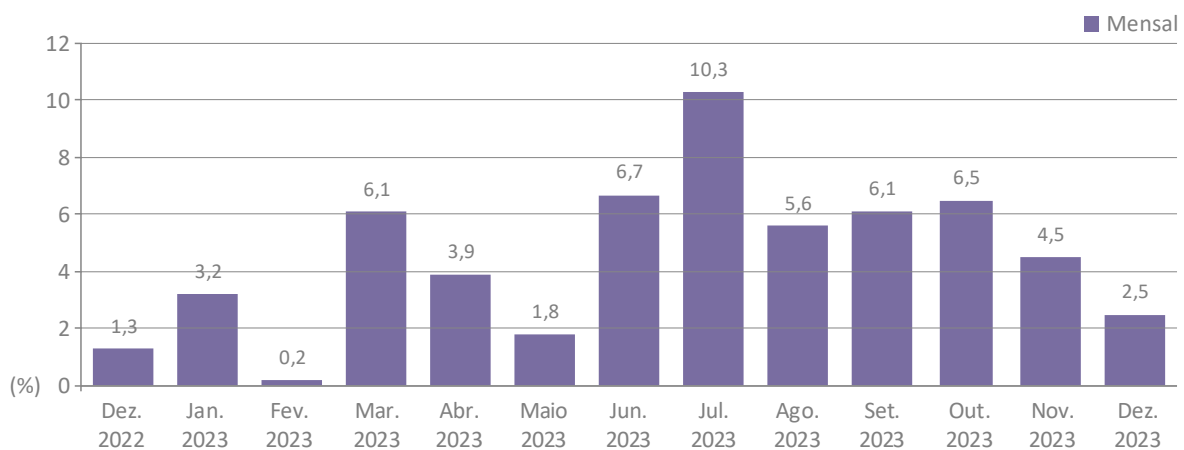
Nesse contexto, o conturbado ambiente geopolítico que pode impactar o fluxo comercial é a principal incerteza para o crescimento mais sustentado da indústria baiana. Há ainda questões ligadas ao cenário interno, com altas taxas de juros que atuam em sentido contrário ao crescimento da indústria.

COMÉRCIO VAREJISTA

Elissandra Alves de Brito
elissandra@sei.ba.gov.br

Em 2023, as vendas do comércio varejista mantiveram trajetória crescente ao longo dos meses, apesar de variações, algumas vezes, discrepantes. Em outubro, primeiro mês correspondente ao quarto trimestre, o volume de negócios registrou variação de 6,5%, ao passo que, em dezembro, a taxa foi de 2,5%, na comparação com o mesmo mês do ano anterior (Gráfico 1).

Gráfico 1
Volume de vendas do comércio varejista – Bahia – 2022-2023

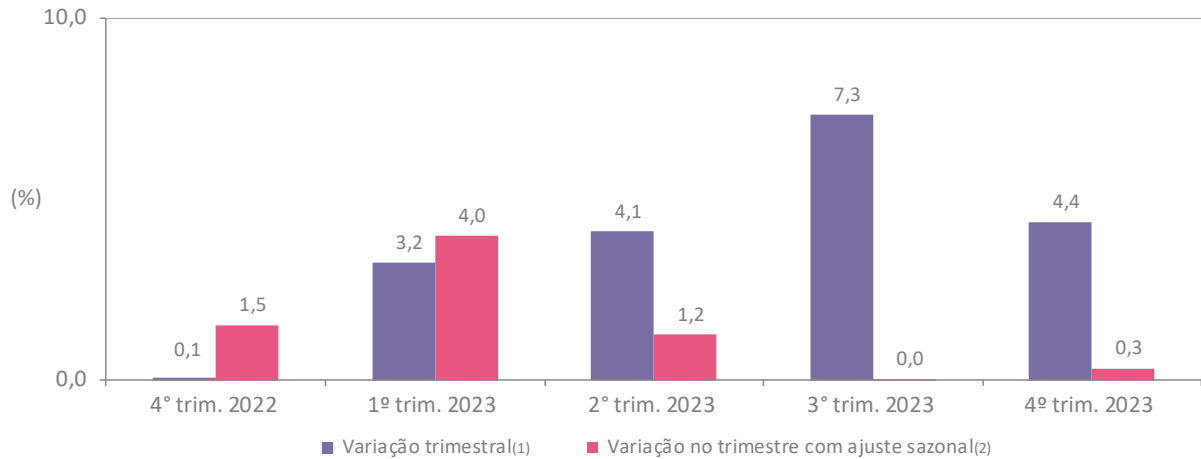


Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Comércio (2023).
Elaboração: CAC/Distat/SEI.

Ao longo do quarto trimestre, o crescimento foi de 4,4% em relação ao mesmo período de 2022, enquanto no sazonal houve estabilidade (Gráfico 2). O desempenho do varejo ligado ao comportamento do crédito e da renda pode explicar a trajetória do setor no trimestre analisado. O crédito engloba bens duráveis, como móveis, eletrodomésticos e veículos, enquanto a renda contempla itens mais essenciais, como alimentos, artigos farmacêuticos e combustíveis. Nesse âmbito, as políticas de incentivos do governo federal podem aumentar ou reduzir a disparidade da trajetória dos segmentos diretamente influenciados por essas variáveis.

Gráfico 2

Volume de vendas do comércio varejista – Bahia – 4º trim. 2022-4º trim. 2023



Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal do Comércio (2023).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

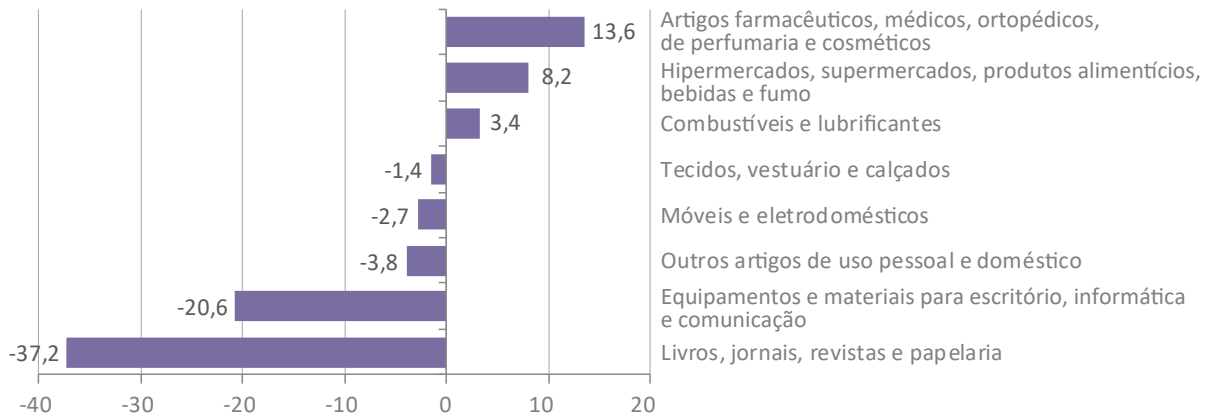
Notas: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

(2) Variação do trimestre em relação ao trimestre anterior. Dados ajustados sazonalmente.

Nesse aspecto, ao longo do ano, a confiança do consumidor de renda mais baixa foi influenciada pelo dinamismo no mercado de trabalho, pelas transferências governamentais em nível elevado e pela inflação sob controle. Isso contribuiu para manter a expansão nas vendas do setor embora, apesar de positivo, o ritmo de crescimento dos negócios tenha arrefecido no quarto trimestre. Por sua vez, a queda na taxa de juros e os sinais de melhora no nível de endividamento das famílias brasileiras, representam novas perspectivas para o varejo, devendo impulsionar os segmentos ligados ao crédito.

No quarto trimestre de 2023, de acordo com a Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na série sem o ajuste sazonal, o crescimento do varejo baiano foi influenciado pelo desempenho de três dos oito segmentos que compõem o setor, são eles: *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos* (13,6%), *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo* (8,2%) e *Combustíveis e lubrificantes* (3,4%). Já *Tecidos, vestuário e calçados* (-1,4%), *Móveis e eletrodomésticos* (-2,7%), *Outros artigos de uso pessoal e doméstico* (-3,8%), *Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação* (-20,6%) e *Livros, jornais, revistas e papelaria* (-37,2%) registraram recuo nas vendas no período analisado (Gráfico 3).

Gráfico 3

Volume de vendas das atividades do comércio varejista⁽¹⁾ – Bahia – 4º trim. 2023

Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Comércio (2022).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

Dentre as variações positivas, destaca-se o resultado de *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo* por ser o segmento de maior peso para o indicador de volume de vendas do comércio varejista. Esse desempenho é resultado da deflação verificada no período. No subgrupo *Hipermercados e supermercados*, a expansão também foi de 8,2% nas vendas, na mesma base de comparação.

Já o segmento de *Combustíveis e lubrificantes* também apresentou desempenho positivo no período, com vendas fortemente influenciadas pela queda nos preços verificada nos meses de outubro (-1,20%), novembro (-3,57%) e dezembro (-0,72%). Nesse trimestre, em razão da deflação, esse segmento mostrou expansão nas vendas em torno de 3,4%.

Em contrapartida, entre as contribuições negativas, destaca-se, o desempenho de *Móveis e eletrodomésticos*, segmento com grande representatividade para o setor, mas que registrou recuo de 2,7% no trimestre analisado. Esse resultado foi bastante influenciado pela disponibilidade de crédito no mercado, devido ao seu encarecimento, principal entrave para o avanço do segmento.

No mesmo trimestre, os segmentos *Outros artigos de uso pessoal e doméstico* e *Tecidos, vestuário e calçados* também registraram recuos. O primeiro, tradicionalmente responsável por comercializar bens de menor valor agregado, foi bastante influenciado pelo comprometimento da renda do consumidor, pois o elevado endividamento acaba sendo um entrave para esse comércio. Nessas condições, os gastos com bens considerados supérfluos tendem a ser reduzidos. Já o segundo segmento tem na elevação dos preços a principal explicação para o desempenho das suas vendas no período.

Na análise do acumulado do ano, observa-se que o varejo restrito manteve ritmo de crescimento nas vendas. A expansão de 4,8% foi influenciada pelos segmentos de *Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação* (13,0%), *Combustíveis e lubrificantes* (12,2%), *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos* (6,4%), *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo* (5,0%) e *Móveis e eletrodomésticos* (1,5%). Em contrapartida, *Livros, jornais, revistas e papelaria* (-14,5%), *Outros artigos de uso pessoal e doméstico* (-10,6%), e *Tecidos, vestuário e calçados* (-4,2%) apresentaram comportamento negativo nas vendas (Tabela 1).

Tabela 1**Volume de vendas do comércio varejista – Bahia – Acumulado do ano 2022(1)**

Atividade	(%)
Comércio Varejista	4,8
1 - Combustíveis e lubrificantes	12,2
2 - Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	5,0
2.1 - Hipermercados e supermercados	5,1
3 - Tecidos, vestuário e calçados	-4,2
4 - Móveis e eletrodomésticos	1,5
4.1 - Móveis	-2,0
4.2 - Eletrodomésticos	5,6
5 - Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria	6,4
6 - Equipamentos e material de escritório, informática e comunicação	13,0
7 - Livros, jornais, revistas e papelaria	-14,5
8 - Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-10,6
Atacado Seleccionado e Outros (2)	2,6
9 - Veículos, motocicleta, partes e peças	-0,9
10 - Materiais de construção	9,4
11 - Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo	-3,9

Fonte: IBGE - PMC.

Notas: (1) Compara a variação acumulada do período de referência com igual período do ano anterior.

(2) O indicador do comércio varejista ampliado é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 11.

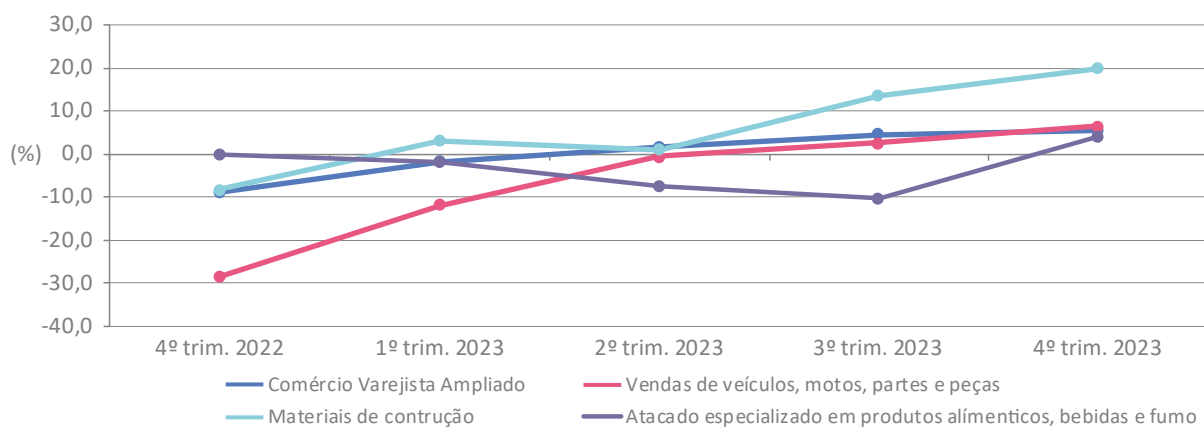
No comércio varejista ampliado, denominado de *Atacado Seleccionado e Outros* e que inclui o varejo restrito e mais as atividades de *Veículos, motos, partes e peças*, *Material de construção* e *Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo*, a expansão foi de 2,6% em relação ao mesmo período do ano anterior. Essa expansão nas vendas foi resultado do desempenho de *Material de construção* (9,4%). Em igual comparação, as taxas no país foram positivas em 2,4%, com destaque para o segmento *Veículos, motos, partes e peças* (8,1%), seguido por *Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo* (1,0%).

Já o ramo de *Material de construção*, em sentido oposto ao do varejo baiano, registrou taxa negativa de 1,9%.

No quarto trimestre de 2023, a taxa do varejo ampliado na Bahia, juntamente com os segmentos que o compõem, foi positiva em 5,7%, sendo que *Veículos, motos, partes e peças*, *Material de construção* e *Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo* registraram expansão de 6,6%, 20,0% e 4,0%, respectivamente (Gráfico 4).

Gráfico 4

Volume de vendas do comércio varejista ampliado – Bahia – 4º trim. 2022-4º trim. 2023



Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Comércio Varejista (2023).
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nesse contexto, o segmento de *Material de construção* exerceu uma importante contribuição para o volume de vendas do comércio varejista. No acumulado do ano, esse desempenho foi determinante, assim como o dos segmentos de *Combustíveis e lubrificantes* e *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo*, para a manutenção do crescimento das vendas no varejo ampliado em 2023.

Tratando-se de um ramo influenciado pela renda e, principalmente, pelo crédito, *Material de construção*, ao longo de 2023, foi impulsionado pelo aumento das transferências de renda, como o reajuste do salário mínimo e a elevação do benefício do Bolsa Família, a queda da inflação, a geração de emprego e a elevação real da massa salarial.

Já *Veículos, motos, partes e peças* tiveram desempenho negativo ao longo do ano, apesar da expansão nas vendas verificada no quarto trimestre. Fortemente influenciada pelo crédito, essa atividade teve suas vendas comprometidas em razão das incertezas quanto ao comportamento da atividade econômica no país, dos juros que ainda permanecem altos,

apesar do ciclo de queda verificada em agosto, e do elevado nível de endividamento dos consumidores, embora essa tendência tenha registrado queda nos últimos meses.

Quanto ao segmento de *Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo*, a expansão de 4,0% ocorrida no último trimestre do ano não foi verificada no acumulado de 2023 (-3,9%). Sujeito às variações de preços dos alimentos no mercado, assim como à disponibilidade de renda do consumidor, esse segmento apresentou recuos sucessivos nas vendas ao longo do ano.

Nesse cenário, os dados apresentados pela PMC em 2023 revelam que o varejo baiano ainda enfrenta os efeitos de uma política monetária restritiva, a qual mantém juros altos e a prática do encarecimento de crédito. Embora haja indícios de controle da inflação e sinais de melhoria no mercado de trabalho, além de políticas de incentivos, como o programa Desenrola Brasil, ainda há desafios.

Assim, a expectativa de resultados satisfatórios para as vendas do setor no quarto trimestre, com taxas de crescimento moderadas, foi consolidada. Entretanto, segundo dados da Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), divulgada pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), o nível de endividamento de famílias baianas que recebem até dez salários mínimos aumentou nos dois primeiros meses de 2024.

De acordo com os dados do IBGE, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) registrou, em janeiro de 2024, para o grupo *Alimentos e bebidas*, taxa de 1,38% na Região Metropolitana de Salvador. Pressões sobre os preços dos alimentos se apresentam como fator inibidor para o varejo ligado à renda, favorecendo a desaceleração do crescimento dos segmentos relacionados a essa variável. Dessa forma, a perspectiva para o comércio varejista baiano no primeiro trimestre de 2024 é que o volume de vendas cresça a taxas moderadas.

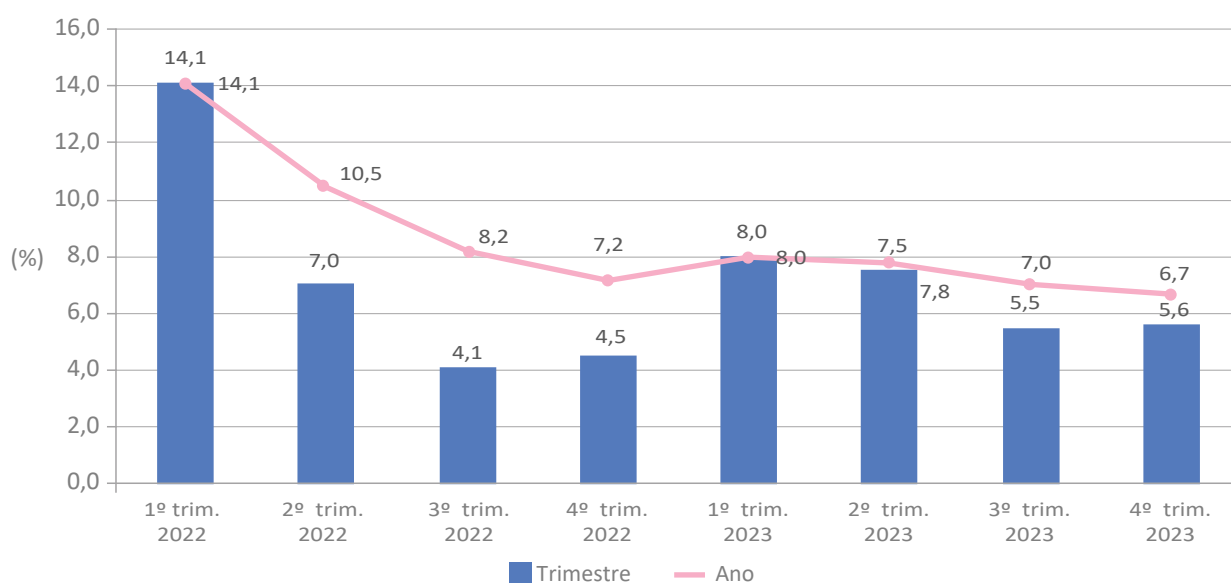
SERVIÇOS

Rosângela Conceição
rosangela@sei.ba.gov.br

De acordo com a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com dados sistematizados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o volume de serviços na Bahia no quarto trimestre de 2023, quando comparado com o mesmo período do ano anterior, marcou crescimento de 5,6%, mantendo a aceleração iniciada no segundo trimestre de 2021 (28,4%). Essa é a décima primeira taxa positiva consecutiva para esse tipo de comparação. Cabe destacar que essa variação está acima da média nacional (-0,6%) (Gráfico 1).

Gráfico 1

Volume de Serviços(1)(2) – Bahia – 1º trim.-4º trim. 2022/1º trim. 2023-4º trim. 2023



Fonte: IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Notas: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

(2) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

Nessa análise, quatro das cinco atividades impulsionaram o volume de serviços para cima, com destaque para os *Serviços de informação e comunicação* (14,9%), com a variação mais expressiva, seguidos por *Serviços profissionais, administrativos e complementares* (13,3%), *Serviços prestados às famílias*¹ (3,6%) e *Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio* (1,1%). Por sua vez, apenas o segmento *Outros serviços*² (-11,1%) registrou recuo.

O volume de serviços da Bahia, no acumulado de 2023, avançou 6,7% em relação ao mesmo período do ano anterior, mantendo a tendência de expansão iniciada no segundo trimestre de 2021(6,6%). Quatro das cinco atividades impulsionaram o volume de serviços para cima, com destaque para os *Serviços de informação e comunicação* (13,8%), com a variação mais expressiva, seguidos por *Serviços profissionais, administrativos e complementares* (9,0%), *Serviços prestados às famílias* (7,8%), *Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio* (3,7%). Por sua vez, a atividade *Outros serviços* (-0,3%) apresentou retração. Vale ressaltar que essa variação foi superior à média nacional (2,3%).

Na comparação nacional, 25 das 27 unidades federativas contribuíram positivamente para o resultado do volume de serviços (2,3%). As variações mais expressivas em termos regionais ocorreram no Mato Grosso (16,4%), seguido por Paraná (11,2%), Tocantins (11,0%) e Paraíba (8,5%). Nessa comparação, a Bahia (6,7%) contabilizou a décima segunda posição entre as unidades da Federação, superando a média nacional. Em sentido oposto, Amapá (-2,2%) e São Paulo (-1,8%) influenciaram negativamente o índice nacional.

Em consonância com a tendência de aumento do volume de serviços, confirmando o bom desempenho do setor, conforme dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), divulgados pelo Ministério do Trabalho e Previdência e sistematizados pela SEI, no quarto trimestre de 2023, o setor de serviços na Bahia incorporou 4.117 novos postos de trabalho com carteira assinada. Esse resultado é superior ao de 2022, quando 3.073 novos empregos celetistas foram criados. No acumulado entre janeiro e dezembro, o setor contabilizou 47.795 novos empregos celetistas, saldo inferior aos 59.435 postos gerados em 2022.

1 Inclui os seguintes serviços: atividades artísticas, criativas e de espetáculos; atividades esportivas, de recreação e lazer (exceto clubes); lavanderias, tinturarias e toalheiros; cabeleireiros e outras atividades de tratamento de beleza; atividades funerárias e serviços relacionados; outros serviços pessoais (clínicas de estética, serviços de alojamento, higiene e adestramento de animais domésticos, serviços de engraxates e carregadores de malas etc.); atividades de apoio à educação e serviços de educação continuada (cursos de idiomas, de ensino de esportes, arte e cultura, cursos preparatórios para concursos etc.).

2 Inclui os seguintes serviços: atividades imobiliárias (intermediação, gestão e administração de imóveis próprios e de terceiros); serviços de manutenção e reparação; serviços auxiliares financeiros; serviços auxiliares da agricultura; serviços de esgoto e serviços de coleta, tratamento e disposição de resíduos e recuperação de materiais.

De acordo com a Secretaria da Fazenda do Estado da Bahia (Sefaz), o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) do setor de Serviços no estado, totalizou cerca de R\$ 1,5 bilhão no quarto trimestre de 2023, com ampliação nominal de 60,7% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, o que representa um aumento de mais de R\$ 563 milhões na arrecadação do estado. Esse resultado foi impulsionado, principalmente, pela atividade de *Serviços de utilidade pública* (75,6%). No acumulado entre janeiro e dezembro de 2023, o setor alcançou aproximadamente R\$ 6 bilhões, com ampliação nominal de 21,9% em relação ao mesmo período do ano anterior, o que representa um aumento de mais de R\$ 986 milhões na arrecadação do estado.

Esse resultado alavancou o setor de Serviços (1,9%) em âmbito nacional, contribuindo para uma taxa de crescimento mais significativa na atividade econômica – Produto Interno Bruto (PIB) nacional (2,1%). A Bahia seguiu a mesma tendência, contabilizando ampliação de 1,3% nos Serviços e colaborando como resultado positivo do PIB (2,6%) no quarto trimestre de 2023 em relação ao mesmo período de 2022. O crescimento do setor de Serviços na Bahia foi favorecido pela alta das *Atividades imobiliárias* (2,6%). Também contribuiu com esse avanço o aumento no volume das vendas do Comércio (0,6%). A atividade *Outros serviços* registrou expansão de 5,1%. Por sua vez, as atividades de *Transportes* (-2,6%) e *Administração pública* (-1,9%) influenciaram negativamente no setor (SEI).

Conforme a Sondagem Empresarial da Fundação Getúlio Vargas (FGV)³, ao longo de 2023, a confiança do setor de Serviços mostrou-se oscilante. No primeiro trimestre registrou queda que pareceu estar associada a uma nova onda da pandemia. A confiança avançou nos trimestres seguintes (segundo e terceiro) com boa influência dos *Serviços prestados às famílias e dos Transportes*, justamente os segmentos que tinham sido mais afetados com as restrições de circulação. Já no quarto trimestre, a confiança do setor de Serviços voltou a registrar queda no mês de dezembro e encerrou o ano revertendo os ganhos obtidos no segundo e terceiro trimestres.

“A confiança para o setor de Serviços piora no mês de fevereiro. O resultado ratifica a percepção de perda de fôlego do setor sobre a situação atual observada desde o segundo semestre de 2023. Apesar disso, nota-se certa resiliência na demanda. Em relação ao futuro, o resultado do mês apresenta cautela dos empresários após a forte melhora das expectativas em janeiro passado. É cedo para esperar um ciclo de declínio no setor que enfrenta um ambiente macroeconômico de manutenção da queda na taxa de juros e bons resultados no mercado de trabalho. Ainda assim, não está evidente que a melhora nos

³ SONDAAGEM DE SERVIÇOS. RIO DE JANEIRO: FGV IBRE, outubro 2023. Disponível em: <https://portalibre.fgv.br/system/files/2023-10/Sondagem%20de%20Servicos%20FGV_press%20release_Out23_0.pdf>. Acesso em: 27 novembro 2023.

fatores econômicos já tenha impactado a confiança dos empresários”, avaliou Stéfano Pacini, economista do FGV/IBRE⁴.

A desaceleração no setor de Serviços ficou evidente com os resultados negativos nos últimos meses. Em médias móveis trimestrais, o Índice de Situação Atual (ISA-S) voltou a cair, e de forma difusa, entre os segmentos. “Apesar da acomodação do indicador no mês, a tendência na ponta é de piora da situação atual. Todos os segmentos, exceto o de *Transportes*, apresentaram queda no índice”, completou Pacini (FGV).

O Indicador de Confiança do Empresariado Baiano (ICEB)⁵, métrica elaborada e calculada pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) para monitorar as expectativas do setor produtivo do estado, marcou 10 pontos em janeiro de 2024, numa escala que vai de -1.000 a 1.000 pontos. Trata-se da primeira pontuação acima de zero após 14 meses seguidos com valores negativos. Além do mais, refere-se ao maior patamar desde outubro de 2022 (45 pontos).

De dezembro a janeiro, o setor de Serviços exibiu uma elevação de 136 pontos, a maior alta entre os setores após cinco quedas consecutivas. O indicador ficou acima de zero depois de 16 meses. Em relação ao mesmo mês do ano anterior, ocorreu uma elevação de 286 pontos, retratando o maior avanço anual entre os grupamentos. O nível de confiança superou a média histórica (de -215 pontos) em 270 pontos no mês investigado. Com isso, a expectativa é de manutenção do crescimento dos Serviços na Bahia para os próximos três meses de 2024, mas com uma taxa amenizada, levando-se em consideração as perspectivas apresentadas pela FGV em relação ao setor no âmbito nacional (SEI).

4 SONDAÇÃO DE SERVIÇOS. RIO DE JANEIRO: FGV IBRE, fev. 2024. Disponível em: < https://portalibre.fgv.br/system/files/2024-02/sondagem-de-servicos-fgv_press-release_fev24_0.pdf >. Acesso em: 29 fev. 2024.

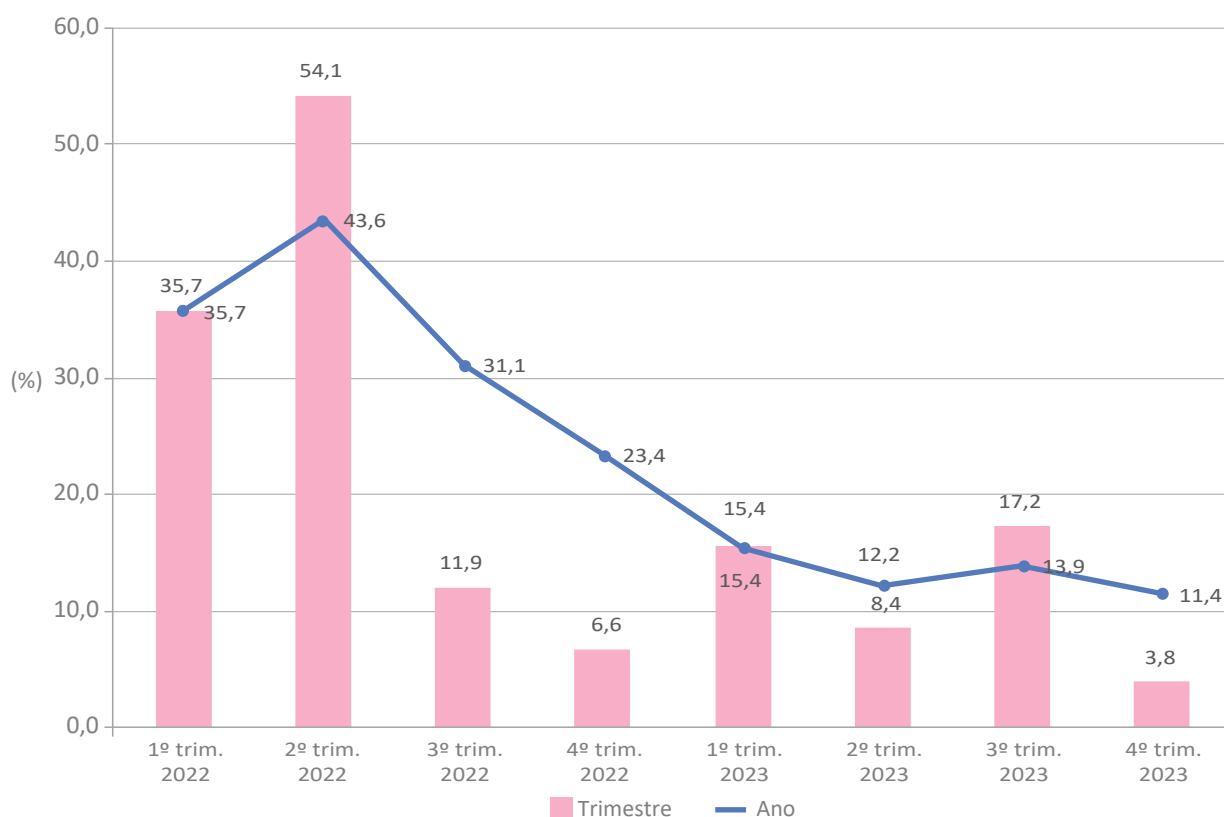
5 PESQUISA DE CONFIANÇA DO EMPRESARIADO BAIANO. BAHIA: SEI, jan. 2024. Disponível em:< https://sei.ba.gov.br/images/releases_mensais/pdf/iceb/rel_ICEB_jan24.pdf>. Acesso em: 29 fev. 2024.

TURISMO

Rosângela Conceição
rosangela@sei.ba.gov.br

De acordo com a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com dados sistematizados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o volume das atividades turísticas¹ na Bahia no quarto trimestre de 2023, quando comparado com o mesmo período do ano anterior, marcou expansão de 3,8%, mantendo a aceleração iniciada no segundo trimestre de 2021 (177,6%). Essa é a oitava taxa positiva para esse tipo de comparação (Gráfico 1).

Gráfico 1
Volume das atividades turísticas(1)(2) – Bahia
1º trim.-4º trim. 2022/1º trim. 2023-4º trim. 2023



Fonte: IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Notas: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

(2) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

1 Agregado especial que abrange as seguintes atividades: serviços de alojamento e alimentação; serviços culturais, de recreação e lazer; locação de automóveis sem condutor; agências de viagens e operadoras turísticas e transportes turísticos (transporte rodoviário de passageiros em linhas regulares intermunicipais, interestaduais e internacionais; trens turísticos, teleféricos e similares; transporte por navegação interior de passageiros, em linhas regulares; outros transportes aquaviários e transporte aéreo de passageiros).

O agregado especial de atividades turísticas no Brasil cresceu 3,6% no quarto trimestre de 2023, ante o mesmo período de 2022. Regionalmente, oito dos 12 locais investigados também registraram taxas positivas, sobressaindo os ganhos vindos do Rio de Janeiro (10,7%), seguido por Minas Gerais (8,6%) e São Paulo (5,3%). Nessa comparação, a Bahia (3,8%) apontou a quinta variação positiva mais expressiva, superando a média nacional. Em contrapartida, o Ceará (-14,7%) e o Espírito Santo (-8,1%) contabilizaram os principais recuos.

O volume das atividades turísticas na Bahia, no acumulado do ano de 2023, em relação ao mesmo período do ano anterior, expandiu 11,4%, após avançar 13,9% em 2022 na mesma base de comparação. Esse resultado é a segunda maior variação já registrada em toda a série histórica iniciada 2011 para esse tipo de comparação, e contribuiu positivamente para o índice nacional, que avançou 6,9% na mesma análise.

Na comparação nacional, dez dos 12 locais investigados também registraram taxas positivas. Destacam-se os ganhos vindos de Minas Gerais (15,0%), seguido por Rio de Janeiro (11,5%), Bahia (11,4%) e Paraná (10,0%). Nessa comparação, a Bahia apontou a terceira variação positiva mais significativa, superando a média nacional.

Segundo a Secretaria da Fazenda do Estado da Bahia (Sefaz), o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) do setor de Turismo no estado totalizou mais de R\$ 1,1 bilhão no quarto trimestre de 2023, com ampliação nominal de 22,9% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, o que representa um aumento de mais de R\$ 208 milhões na arrecadação do estado. No acumulado do ano de 2023, o setor totalizou cerca de R\$ 4 bilhões, com ampliação nominal de 24,9%, em relação ao mesmo período do ano anterior, o que representa um aumento de aproximadamente R\$ 796 milhões na arrecadação do estado.

Em consonância com a tendência de aumento do volume e da arrecadação de ICMS referente às atividades turísticas, confirmando o bom desempenho do setor, conforme as informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), divulgados pelo Ministério do Trabalho e Previdência e sistematizados pela SEI, o setor de turismo na Bahia incorporou 3.749 novos postos de trabalho com carteira assinada no quarto trimestre de 2023, decorrentes da diferença entre 17.047 admissões e 13.298 desligamentos. Tal resultado, entretanto, revelou-se menor do que o de um ano antes, já que o saldo, no conjunto dos meses de outubro a dezembro de 2022, havia sido de 4.012 novos empregos celetistas.

A maioria dos 27 subsetores da atividade econômica do turismo² exibiu saldo positivo – num total de 22. No referido intervalo, os maiores saldos despontaram em *Restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação e bebidas* (+1.650 vagas), *Hotéis e similares* (+1.123 postos) e *Locação de automóveis sem condutor* (+348 vínculos).

No acumulado de janeiro a dezembro de 2023, o saldo de empregos formais do setor de Turismo do estado da Bahia também se revelou positivo, indicando uma geração líquida de 7.166 postos de trabalho, decorrentes de 62.119 admissões e 54.953 desligamentos. Um cenário, portanto, menos favorável do que o observado no agregado do ano de 2022, quando o referido setor havia registrado um total de 9.372 novas vagas em território baiano (SEI).

Dos 27 subsetores econômicos do turismo local, 24 geraram postos de trabalho no acumulado do ano de 2023. No caso, *Restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação e bebidas*, *Hotéis e similares* e *Locação de automóveis sem condutor* foram os subsetores que registraram as maiores expansões, contabilizando, respectivamente, 3.143, 1.441 e 933 novos vínculos formais. Em contrapartida, *Serviços ambulantes de alimentação* (-16 vínculos) e *Transporte por navegação de travessia* (-2 vagas) indicaram os menores saldos no mencionado período, todos com perdas líquidas (SEI).

Cabe destacar que a atividade turística no quarto trimestre de 2023 foi impulsionada pelas festas populares e religiosas, como a Novena de Santa Luzia, a Festa de Santa Bárbara, a Novena em Honra a Nossa Senhora da Conceição da Praia, a Festa do Bom Jesus dos Navegantes e outras. Também contribuíram as festas natalinas e a da virada de ano, realizadas na capital baiana e em grande parte dos municípios. Com isso, a promoção desses eventos colaborou consideravelmente para o bom desempenho do setor, mas com taxa amenizada em relação aos outros trimestres.

² Referem-se às classes CNAE 2.0, considerando-se todos os municípios da Bahia, não apenas os das zonas turísticas.

COMÉRCIO EXTERIOR

Arthur Souza Cruz Júnior
arthurcruz@sei.ba.gov.br

Pedro Henrique Ferreira Matos
pedromatos@sei.ba.gov.br

A economia mundial vem perdendo força, afetada pela desaceleração de seus principais motores e também por uma confluência de fatores de curto prazo e limitações de longo prazo. Essa junção de fatores, composta por tensões geopolíticas, alto endividamento público e o envelhecimento populacional, começa a ser sentida. A atualização mais recente dos Índices de Acompanhamento da Recuperação da Economia Mundial Brookings-Financial Times (Tiger, na sigla em inglês) mostra o enfraquecimento generalizado da atividade econômica mundial. Apesar do desempenho relativamente favorável dos mercados financeiros no início do ano, a confiança dos consumidores e das empresas sofreu um grande golpe.

Embora os Estados Unidos continuem a apresentar crescimento sólido do Produto Interno Bruto (PIB), outras economias avançadas mostram um estado crítico e se deparam com péssimas perspectivas de crescimento ou até de uma iminente recessão. As economias emergentes, em termos gerais, estão em melhor forma. A China mostra alguns sinais de estabilização, enquanto a Índia continua a avançar.

As pressões inflacionárias estão em queda pelo mundo, mas a alta nos preços das fontes de energia e as fissuras geopolíticas cada vez maiores podem interromper esse progresso e prejudicar o crescimento. Os mercados anunciaram “boas novas” durante alguns meses, em parte graças ao otimismo em relação a ganhos de produtividade com inovações tecnológicas, mas as preocupações com as perspectivas de baixo crescimento começam a pesar no desempenho econômico mundial.

Por conta desse cenário, a Organização Mundial do Comércio (OMC) reduziu em mais da metade sua projeção de aumento do comércio mundial em volume de mercadorias para este ano. A taxa esperada agora é de 0,8% comparada a 1,7% estimada em abril, indicando a desaceleração da produção global e os sinais de fragmentação ligados às tensões geopolíticas.

A expectativa é de retomada do crescimento do comércio mundial no próximo ano para 3,3%, acompanhado por uma expansão lenta, mas estável, do PIB. Os setores mais sensíveis aos ciclos de negócios devem se estabilizar e se recuperar à medida que a inflação permitir e as taxas de juros começarem a cair.

Os riscos para a previsão de 2024 incluem uma desaceleração mais forte do que a esperada na China e um ressurgimento da inflação nas economias desenvolvidas, o que exigiria a manutenção das taxas de juros mais altas, por um período mais longo. As projeções da OMC baseiam-se no crescimento de 2,6% do PIB mundial real em 2023, e de 2,5% em 2024.

Sinais de fragmentação na cadeia de fornecimento também podem ameaçar uma perspectiva globalmente positiva para 2024, conforme a OMC. A projeção de desaceleração do comércio para 2023 é motivo de preocupação, devido às implicações adversas para os padrões de vida das populações em todo o mundo. A fragmentação econômica global só pioraria esses desafios.

A OMC deve aproveitar a oportunidade para fortalecer a estrutura do comércio global, evitando o protecionismo e promovendo uma economia global mais resiliente e inclusiva. A economia global e, em particular, os países pobres, terão dificuldades na recuperação sem um sistema de comércio multilateral estável, aberto, previsível, justo e baseado em regras, o que ainda não ocorre.

As tensões comerciais entre os Estados Unidos e a China, as duas maiores economias do mundo, mudaram seus padrões de negócio. Apesar de o comércio bilateral ter alcançado um recorde no ano passado, os fluxos de mercadorias entre ambas as potências cresceram bem menos do que o comércio mantido com outros parceiros.

A constatação é que o comércio internacional está sendo gradualmente reorientado, de acordo com as linhas geopolíticas. A análise sobre Investimento Estrangeiro Direto (IED) também aponta para a fragmentação. Os fluxos para economias emergentes e em desenvolvimento são substancialmente menores quando se trata de parceiros geopoliticamente mais distantes.

Segurança é um fator cada vez mais influente na política comercial, no entanto pode se tornar contraproducente se levada ao extremo. A proliferação de tensões comerciais reforça o ceticismo em relação ao comércio internacional na formulação de políticas comerciais, causando retrocessos nos esforços de integração regional, e na adoção de medidas unilaterais.

Uma fragmentação na cadeia de fornecimento aumentará os custos das trocas comerciais. Atualmente, esses custos nas economias em desenvolvimento são quase 30% mais altos do que nas economias desenvolvidas. Os custos comerciais da agricultura são 50% mais altos do que os da indústria. Os custos do comércio de serviços também permanecem elevados, embora com grande variação entre os setores.

Apesar do cenário atual, a OMC avalia que o comércio internacional continua a prosperar de várias maneiras, e considera exagerado o discurso sobre desglobalização. Dessa forma, defende uma reglobalização, que é um impulso renovado para a integração de mais pessoas, economias e questões urgentes no comércio mundial.

Quanto ao comércio externo brasileiro, houve um bom desempenho até setembro, enfrentando apenas os impactos da desaceleração mundial no que diz respeito à redução de preços dos produtos exportados, diante de um cenário externo cada vez mais adverso. O saldo comercial permaneceu elevado até setembro, com queda das importações e leve recuo das exportações. Até o encerramento do terceiro trimestre, o saldo acumulava superávit de US\$71,2 bilhões, conforme o esperado.

A despeito da redução dos preços, as exportações permanecem elevadas, sustentadas pelo crescimento de 7% do volume das vendas, com destaque para as *commodities* agrícolas e industriais. Já as importações apresentam retração, com forte queda dos preços e moderação dos volumes (- 4,2%). Algumas categorias apresentaram variação positiva referente à quantidade importada, como *Bens duráveis* e *Bens de capital*, enquanto as compras de *Bens intermediários* e *Combustíveis* recuaram.

Dados da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) mostram que a queda nas importações não foi exclusividade brasileira. A importação da China caiu 6,6% de janeiro a junho de 2023, contra igual período de 2022, enquanto a exportação chinesa caiu 2,3%. A importação alemã também caiu 5,2%, com aumento de 2,2% nos embarques.

Em 2023 houve fatores conjunturais que permitiram o superávit, como a contribuição do setor agrícola, com safra recorde, e preços de *commodities* que, apesar do ajuste, ainda estão relativamente altos. Para 2024 não se espera um novo recorde, porque já estão em perspectiva o desafio enfrentado pela economia chinesa e a recuperação de concorrentes brasileiras, entre outros.

Os superávits, portanto, têm sido garantidos pelas *commodities* e devem continuar dessa forma no curto e médio prazo, embora as perspectivas mostrem mudanças no dinamismo do comércio global. Embora o cenário seja positivo para o setor externo brasileiro, está claro que este ano se dará à custa da redução das importações, o que também deverá ser a principal influência negativa na corrente de comércio, indicador importante do dinamismo da economia. A Secretaria de Comércio Exterior (Secex) projeta US\$ 575,3 bilhões em corrente de comércio em 2023, o que representa uma redução de 5,2% em relação a 2022.

Tabela 1
Balança comercial – Bahia – Jan.-set. 2022/2023

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2022	2023	Var. %
Exportações	10.613.085	7.823.904	-26,28
Importações	8.998.040	6.775.950	-24,70
Saldo	1.615.045	1.047.955	-35,11
Corrente de comércio	19.611.125	14.599.854	-25,55

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 06/10/2023, <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI /Distat/CAC.

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

As exportações baianas registraram vendas de US\$ 2,66 bilhões no terceiro trimestre de 2023, com queda de 29,5% no comparativo com o mesmo período do ano anterior. A magnitude dessa redução acompanha as vendas externas durante todo o ano, por conta da base de comparação elevada, da queda de preços e da redução da demanda mundial, resultado da desaceleração da economia global afetada por inflação, guerra e política monetária restritiva. Isso acontece, sobretudo, em segmentos que tiveram forte elevação de preços e de embarques em 2022, como os *Derivados de petróleo*, que não vêm repetindo o bom desempenho, registrando queda de 45,6% em 2023 (-61,2% apenas no terceiro trimestre).

O desempenho das exportações como um todo é consequência do cenário mundial que enfrenta um momento particularmente conturbado no comércio internacional, com a desaceleração das transações, o acirramento da disputa entre os Estados Unidos e a China e a continuidade do conflito no Leste Europeu, eventos que colocam em xeque o futuro da globalização.

Depois de crescer durante a pandemia, a demanda por exportações globais de bens se enfraqueceu devido à inflação mais alta, ao aumento das taxas de juros pelos bancos centrais mundiais em 2022, e à ampliação dos gastos com serviços internos, à medida que as economias voltavam a se abrir após os *lockdowns* causados pela pandemia.

A queda nos volumes exportados foi generalizada, com a maior parte do mundo registrando redução nas quantidades comercializadas. Na Bahia, a queda do quantum exportado no terceiro trimestre foi a maior de 2023 (-22,8%).

Na Bahia, no acumulado do ano de 2023, nem a Agropecuária, que vem impulsionando o crescimento da economia, conseguiu resultados positivos, registrando queda de 18,5% ante o mesmo período de 2022. A *Indústria de transformação* permaneceu com um desempenho fraco, com redução de 33,8% no comparativo interanual, influenciada principalmente pelo refino, que teve queda de 45,6% nas receitas e de 23,8% no volume embarcado. A *Indústria*

extrativa também não viabilizou ganhos no ano, com retração de 8,2% nas receitas, e queda de 25,8% no quantum, na comparação com o mesmo período de 2022.

No acumulado do ano de 2023, as exportações alcançaram US\$ 7,82 bilhões, bem abaixo dos US\$ 10,61 bilhões registrados em 2022. A queda das exportações durante o ano foi de 26,3% nas receitas, e de 12,8% nos volumes embarcados. As importações alcançaram US\$ 6,78 bilhões, com queda de 24,7% no valor das compras e de 5,1% no volume desembarcado. O saldo comercial do estado no período chegou a US\$ 1,04 bilhão, 35,4% a menos que o do mesmo período do ano anterior. Já a corrente de comércio atingiu US\$ 14,6 bilhões, também com redução de 25,5% no comparativo interanual.

Os preços médios dos produtos embarcados pelo estado tiveram recuo de 15,4% em relação ao período de janeiro a setembro do ano anterior. Essa retração que vinha diminuindo, mês a mês, em comparação com o mesmo período de 2022, sofre erosão/desvalorização, à medida que a base de comparação se iguala, chegando a zero a partir de setembro.

Após um início de ano otimista com as perspectivas de crescimento global, o cenário do terceiro trimestre de 2023 aponta para uma direção mais cautelosa, com impacto nos preços das *commodities* minerais e metálicas. Em geral, prognósticos menos positivos para Estados Unidos, Europa e China diminuem a demanda, reduzindo o preço de produtos como o minério de ferro e intensificando a volatilidade de insumos básicos, como o cobre. Podem ocorrer altas pontuais, como a recente valorização do minério de ferro, mas a tendência de médio prazo dependerá do avanço das economias. A exceção é o ouro, exatamente pela mesma razão: quando há incertezas macroeconômicas, investidores procuram por esse ativo como reserva de segurança.

A fragilidade macro e setorial da China, a maior incerteza nos Estados Unidos e a perspectiva de queda ou estagnação da economia global limitam as pressões de alta sobre as *commodities*, pelo menos num prazo de três anos, visto que o preço das *commodities* depende basicamente de crescimento econômico.

Quanto ao câmbio, até há pouco tempo, estimava-se que a taxa de equilíbrio rondava o patamar de R\$ 5,20 por Dólar, mas a tendência de piora dos fundamentos perdeu força no primeiro semestre de 2023, o que levou o câmbio justo a se aproximar de R\$ 4,80. O modelo utilizado para estimar o nível justo dessa taxa se baseia em quatro fatores, e dois deles chamaram atenção.

O movimento decorreu dos preços de bens comercializáveis e não comercializáveis. O Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA) passou a cair abaixo do Índice de Preços ao Consumidor (IPC), revertendo o que se observou na pandemia, quando os preços de atacados dispararam. Isso tem a ver com a rentabilidade do setor de exportação.

Uma pequena melhora também foi observada na conta corrente nacional. As exportações brasileiras como um todo estão crescendo a uma taxa relativamente favorável, principalmente pelo aumento do quantum, o que não ocorre com os produtos vendidos pela Bahia.

Outros dois fundamentos, compostos pelos termos de troca e pela posição internacional de investimento, mantiveram-se quase inalterados nesse período, não afetando a formulação do câmbio.

Tabela 2
Exportações baianas – Principais segmentos – Jan.-set. 2022/2023

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2022	2023			
Soja e Derivados	2.658.206	2.138.870	-19,54	27,34	-11,19
Petróleo e Derivados	2.964.137	1.613.765	-45,56	20,63	-28,54
Papel e Celulose	918.463	912.585	-0,64	11,66	7,43
Químicos e Petroquímicos	1.195.957	784.080	-34,44	10,02	-23,18
Metais Preciosos	413.492	478.061	15,62	6,11	-24,61
Minerais	515.419	374.606	-27,32	4,79	-1,94
Algodão e Seus Subprodutos	468.734	297.215	4,20	4,20	-11,55
Metalúrgicos	427.480	282.857	-33,83	3,62	-28,84
Cacau e Derivados	154.430	146.426	-5,18	1,87	0,88
Borracha e Suas Obras	135.521	144.676	6,76	1,85	14,96
Frutas e Suas Preparações	109.869	141.356	28,66	1,81	11,58
Café e Especiarias	188.301	135.527	-28,03	1,73	-11,27
Milho e Derivados	44.242	102.586	131,88	1,31	-12,21
Demais Segmentos	418.835	271.293	-35,23	3,47	-34,13
Total	10.613.085	7.823.904	-26,28	100,00	-15,41

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 06/10/2023, <http://comexstat.mdic.gov.br>
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Até setembro de 2023, o papel importante do agronegócio (50% do total das vendas até esse período) destaca-se na pauta das exportações, mesmo com um volume ainda pendente nos embarques da soja. O valor registrado, até o terceiro trimestre, é de US\$ 2,14 bilhões. Ainda existe potencial para a exportação de soja, que deve ultrapassar o volume de 4,4 milhões de toneladas embarcadas em 2022, caso se confirmem as previsões de aumento da safra em 4,5%, em relação ao ano anterior, mesmo com o preço médio inferior em 11,2%. Uma maior produção e esmagamento interno da soja vão permitir embarques maiores.

As chuvas irregulares, sobretudo em regiões do Centro-Oeste e do Sudeste do Brasil e a valorização do Dólar ante o Real elevaram os preços da oleaginosa no final do mês de setembro, o que deve indicar recuperação a partir daí. No mercado externo, o avanço na colheita da safra 2023/2024 da soja nos Estados Unidos pressionou as cotações futuras. No entanto, a piora nas condições das lavouras daquele país e a firme demanda pelo grão norte-americano deram sustentação aos preços na última semana de setembro, o que limitou a queda na média mensal.

Em consonância com a alta projetada de 25% na área plantada de algodão, as vendas externas registraram crescimento de 4,2%, alcançando US\$ 297,2 milhões, até setembro. O estado da Bahia, segundo em volume de produção de algodão no Brasil, concluiu a colheita da fibra na safra 2022/2023. De acordo com os números divulgados pela Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa), nos 312,6 mil hectares de lavouras ocupadas com a cultura, o estado produziu, aproximadamente, 615 mil toneladas do produto beneficiado (pluma), com produtividade de 1.968 quilos de pluma por hectare.

Para o ciclo 2023/2024, a Abapa espera um aumento sutil na área, em torno de 2,4%. Já a produção é projetada em 612 mil toneladas, o que representa uma leve queda no volume, em função da produtividade, que não deve repetir a mesma marca do ciclo 2022/2023, ficando, a princípio, em torno de 1.913 quilos de pluma por hectare (-2,8%).

Apesar do clima favorável no período, a ocorrência de chuvas de fim de ciclo – que chegaram a 70 milímetros em um dia, em algumas regiões do oeste baiano – não comprometeu a qualidade da pluma, contudo, impactou no ritmo da colheita.

Ainda como reflexo das condições climáticas, a semeadura do algodão de sequeiro, para a safra 2023/2024, foi antecipada e deverá ser feita no período de 11 de novembro a 31 de dezembro de 2024. Por conta disso, o período de “vazio sanitário” também ocorrerá mais cedo, iniciando em 10 de setembro de 2024. Cerca de 80% do algodão colhido na Bahia já foi beneficiado, sendo que, aproximadamente, 75% já passaram por análise nos laboratórios de classificação, com resultados considerados excelentes.

No segmento de produtos industrializados, os derivados de petróleo mantêm um cenário de alta. Especialistas consideram que eventos que ocorreram em setembro, como as restrições da Rússia para exportações e a queda na produção da Organização dos Países Exportadores de Petróleo e seus aliados (Opep+), devem ter efeitos consolidados no mês que se inicia. Os efeitos ficam mais fortes sobre o diesel do que sobre a gasolina, e riscos de desabastecimento voltam a causar preocupação.

O Brent iniciou setembro cotado a US\$ 87,80 o barril, e encerrou o mês a US\$ 92,20. Depois do anúncio russo, o preço chegou a US\$ 94,36, em 27 de setembro de 2023. No mês, a *commodity* subiu 6,18%. A título de comparação, em agosto do mesmo ano, o avanço foi de 8,04%. Já em setembro de 2022, o Brent havia subido 2,31%.

As exportações baianas do setor seguem em queda de -96% só em setembro, e de -45,6% no acumulado no ano. O volume embarcado acompanha a queda em escala semelhante: -96,6% no mês de setembro e -23,4% no acumulado no ano até setembro.

Ainda que a perspectiva de mais longo prazo consista em um maior ajuste nas atuais cotações de petróleo, e o movimento global de transição energética seja considerado, a *commodity* deve continuar a ser importante na pauta de exportação do estado, puxada principalmente por volumes em quadro alinhado ao esperado de aumento de produção.

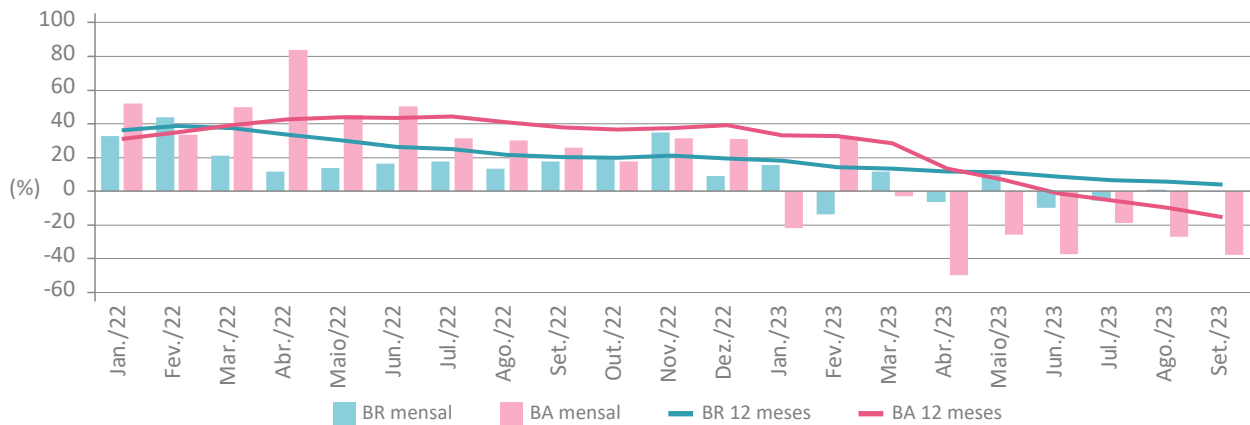
Já as exportações de *Papel e celulose* – único segmento, dentre os principais da pauta, a apresentar variação de preços positiva de 7,4%, em relação ao mesmo período do ano anterior – registrou leve queda em suas vendas em 2023, alcançando US\$ 912,6 milhões, devido à redução nos embarques em 7,5%.

Os preços da celulose de fibra curta (BHKP), que começaram a se recuperar na China no fim do primeiro semestre de 2023 – e mais recentemente ganharam força também na Europa –, devem seguir em alta em todas as regiões. Para outubro, produtores liderados pela Suzano estão buscando novo reajuste em todas as regiões.

A companhia brasileira que é a maior produtora mundial de celulose do mercado e a maior exportadora do produto na Bahia, já anunciou um novo reajuste de preços, de US\$ 30 a US\$ 50 por tonelada, a depender da região.

Gráfico 1

Variação (%) do Comércio Exterior – Exportações – Bahia/Brasil – 2022-2023



Fonte: MDIC/Secex
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Quanto ao destino das vendas externas do estado da Bahia em setembro, a China permanece como o maior mercado para os produtos baianos, representando 26,5% de participação total, mesmo com uma queda de 19,4% nas vendas para o país oriental. Singapura aparece em seguida, com 11% de participação, apesar da queda de 44,3%, e os Estados Unidos, com 8,4% de participação e uma redução de 23,2%, todos no comparativo interanual.

IMPORTAÇÕES

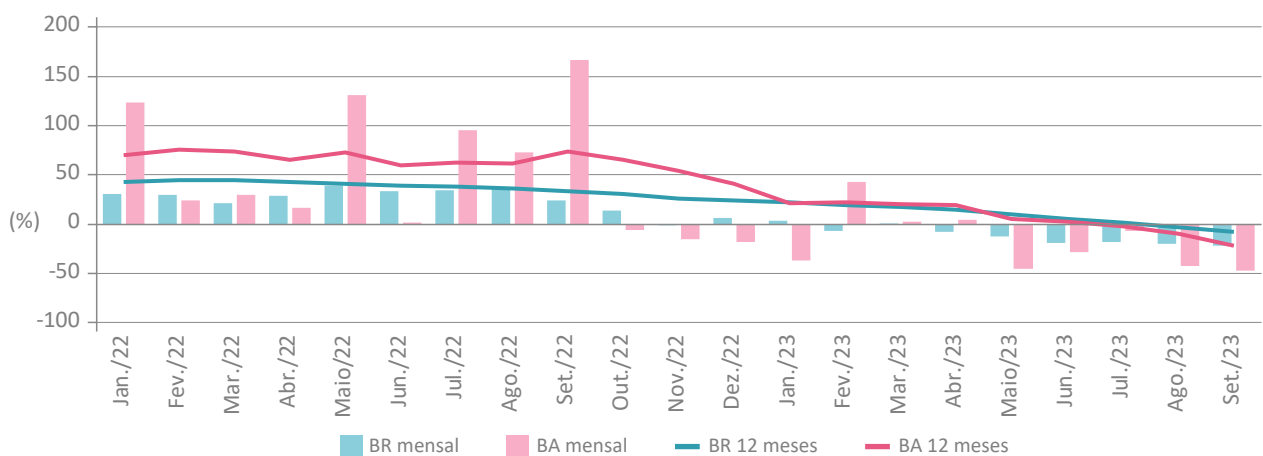
As importações tiveram queda de 35,8% no terceiro trimestre de 2023, no comparativo interanual, representando a maior queda do ano. Esse recuo foi impulsionado por uma forte retração dos preços (-31%) e, em menor escala, dos volumes (-6,8%).

Durante o ano, todas as categorias de importações apresentaram redução, principalmente *Bens intermediários* (-30,4%) e *Bens de consumo* (-21%), exceto os *Bens de capital* que conseguiram crescimento de 5,1%.

O desempenho de *Bens intermediários*, categoria que inclui insumos e matérias-primas, e representou 61% do total importado pelo estado da Bahia até setembro, registrou queda de 30,4% nos desembolsos e de 9,3% no quantum. Essa situação está relacionada a uma relativa estagnação da *Indústria de transformação*, que apresentou queda de 5,3% nos últimos 12 meses. A importação sinaliza que a estagnação da indústria, que vem ocorrendo ao longo do ano, deve continuar mesmo que haja alguma recuperação marginal de produção no último trimestre de 2023. É esperada, entretanto, uma melhora gradual ao longo de 2024, influenciada por condições monetárias e de crédito mais favoráveis.

A boa notícia no ano é o crescimento das compras de *Bens de capital* em 5,1%, principalmente de células fotovoltaicas, máquinas e equipamentos mecânicos e motores/geradores. A incorporação desses bens ao processo produtivo mostra-se benéfica e pode implicar a ampliação da capacidade de crescimento da economia. Além disso, os *Bens de capital* são portadores de inovação, pois incorporam tecnologia que contribui com o avanço e a competitividade econômica do país.

Gráfico 2
Variação (%) do Comércio Exterior – Importações – Bahia/Brasil – 2022-2023



Fonte: MDIC/Secex.
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Já o comportamento dos preços de importação está relacionado à deflação global de custos, considerando que, em 2022, houve pressão de preços de matérias-primas e de importações como um todo. A magnitude dessa variação é resultado do processo de correção de preços, mas não deve extrapolar o ano nesse nível. A queda de preços é generalizada em todos os setores, com registro de maior recuo na *Indústria extrativa*, que chegou a -29,2% no acumulado do ano.

Após um crescimento durante a pandemia, a demanda por importações globais de bens diminuiu devido à inflação mais alta, aos aumentos das taxas de juros pelos bancos centrais mundiais em 2022 e ao aumento das despesas com serviços internos à medida que as economias começavam a se recuperar após os *lockdowns* causados pela pandemia.

A queda nos volumes exportados foi generalizada, com os países industrializados, na maior parte do mundo, registrando redução nas quantidades de produtos comercializados.

A falta de flexibilização do crédito continuará a afetar o comércio global. O impacto defasado dos juros altos deverá incidir mais sobre a demanda por certos produtos, podendo levar vários meses até que o comércio mundial atinja seu ponto mais baixo.

A demanda por importações de bens, muitas vezes adquiridos com recursos financiados, como automóveis, mobiliário doméstico e *Bens de capital*, deverá ser a mais afetada. Portanto, não é esperada a continuidade do crescimento observado nessa categoria na pauta de importações baianas.

Tabela 3

Importações baianas por categorias de uso – Jan.-set. 2022/2023

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2021	2022	Var. %	Part. %
Bens Intermediários (BI)	5.932.935	4.130.035	-30,39	60,95
Combustíveis e Lubrificantes	2.553.582	2.156.111	-15,57	31,82
Bens de Capital (BK)	358.762	377.212	5,14	5,57
Bens de Consumo (BC)	139.296	109.991	-21,04	1,62
Bens não Especificados Anteriormente	13.464	2.602	-80,68	0,04
Total	8.998.040	6.775.950	-24,70	100,00

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 06/10/2023, <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

Os principais recuos nas importações, até setembro de 2023, foram registrados nos seguintes produtos: naftas para petroquímica (-37,4%), cloretos de potássio (-33,1%) e diidrogeno ortofosfato de amônio (-36,3%). Esse grupo de fertilizantes registrou um recuo total de 33,7% nos desembolsos e de 6,6% na quantidade desembarcada. Nesse setor, cujas compras do exterior foram impactadas pela guerra entre Rússia e Ucrânia, a queda deve-se principalmente à diminuição de 29% nos preços médios no ano.

FINANÇAS PÚBLICAS

Eduardo Augusto Santos Brito
eduardobrito@sei.ba.gov.br

Gabriel Oliveira Barbosa
gabrielbarbosa@sei.ba.gov.br

Marília Jane Dourado Campos
mariliajane@sei.ba.gov.br

Panorama GLOBAL: POLÍTICA MONETÁRIA E FISCAL

O último trimestre de 2023 foi marcado por um cenário internacional em que persistem incertezas que influenciam o quadro da política fiscal e monetária dos países. Segundo o relatório *World Economic Outlook*, do Fundo Monetário Internacional (FMI), em tradução livre, “a recuperação econômica global dos efeitos da pandemia de covid-19, a guerra da Rússia contra a Ucrânia e a crise no custo de vida estão provando-se surpreendentemente resilientes”.

A inflação tem caído rapidamente e com baixos efeitos sobre o emprego e atividade econômica, o que parece anunciar que a queda das taxas de juros pode ocorrer mais breve que o esperado. Essa redução pode representar um alívio também para a situação fiscal de muitos países, uma vez que diminui os custos do serviço das dívidas.

No entanto, as incertezas citadas, incluindo os desenvolvimentos mais recentes de conflitos, sobretudo no Oriente Médio, podem provocar novos choques de custos. Tais impactos podem retardar a chamada ancoragem de expectativas. Ademais, a trajetória do endividamento, tanto público quanto corporativo, permanece ascendente em boa parte dos países, inclusive aqueles considerados centrais.

Economistas de vertente mais ortodoxa, a exemplo dos que integram o próprio FMI, consideram o cenário atual como propenso à consolidação fiscal, uma vez que o crescimento superou as expectativas, enquanto a inflação ficou abaixo do esperado. Além disso, o fato de os governos nacionais não se engajarem em ajustes neste momento é visto como um risco, considerando-se que uma eventual política fiscal mais “frouxa” poderia elevar os níveis de demanda, o que, por sua vez, pressionaria a inflação. Ainda nesse contexto, uma possível alta da demanda poderia se somar a eventuais riscos de oferta, conforme já mencionado.

Embora, de maneira geral, isso possa estar correto e seja mesmo intuitivo, nem sempre ajustes fiscais são acompanhados de reduções no endividamento. Há mesmo registros em diversos países em que o aumento de gastos foi acompanhado de redução da relação dívida pública/Produto Interno Bruto (PIB). O debate sobre políticas macroeconômicas – e sua

intensidade, mix, vetores etc. – é complexo. Além disso, há aspectos qualitativos, como por exemplo, as diferentes formas de implementar uma política de retração ou expansão fiscal, com rebatimentos setoriais.

Outro fator com influência significativa na adoção de políticas, sobretudo as fiscais, é de ordem política e social. Nos países desenvolvidos, a dinâmica da concorrência, as guerras comerciais e tecnológicas, além da própria ruptura nas cadeias globais de valor, decorrente dos choques (como a covid e os conflitos geopolíticos), fizeram com que muitos países adotassem uma política industrial ativa, que pressiona a política fiscal num sentido mais expansionista.

Países pobres ou em desenvolvimento, por sua vez, também enfrentam dilemas e pressões sociais e políticas para ampliar a participação do Estado, com medidas que reduzam a pobreza e as desigualdade se promovam o desenvolvimento econômico. Contudo, tais países também enfrentam pressões contrárias de elites estrangeiras e locais, ora por mais austeridade (reduzindo salários e empregos), ora por mais isenções e regimes tributários especiais que favoreçam determinados setores.

Em suma, questões fiscais, tributárias e orçamentárias refletem conflitos intra e interclasses e pressões decorrentes de interesses corporativos, entre outros fatores. Longe de serem questões meramente técnicas, são questões de prioridade alocativa (portanto, também políticas), o que pressupõe uma análise mais aprofundada da realidade nacional.

Panorama Fiscal: Brasil

O ano de 2023 apresentou novidades e desafios no campo fiscal e tributário, impondo duas necessidades que se mostraram contraditórias e de equilíbrio delicado. Por um lado, a retomada de políticas públicas que haviam sido abandonadas, desfinanciadas ou desestruturadas, o que contribuiu para a piora de índices socioeconômicos e a volta do país ao Mapa da Fome. Por outro lado, a superação do baixo espaço fiscal, decorrente de uma combinação entre a alta rigidez orçamentária, o elevadíssimo custo financeiro da dívida pública, piorado pelo nível elevado da taxa Selic, ao tentar trazer a inflação de volta a uma meta apertada, e pelo estabelecimento do chamado “teto de gastos”, regime fiscal que limita o crescimento real das despesas.

Ao fim de 2022, no chamado governo de transição, foi aprovada a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 32/2022, que liberou R\$ 170 bilhões acima do que seria permitido pela regra fiscal anterior, para o orçamento de 2023. Em contrapartida, o novo governo aprovou o Projeto de Lei Complementar (PLP) 93/2023, que estabelece uma nova regra que institui, entre outros elementos, a volta das metas de resultado primário como critério principal

e a limitação do crescimento das despesas a uma proporção do crescimento das receitas (75% inicialmente e, em caso de descumprimento da meta, 50% no ano subsequente). A regra anterior não permitia o crescimento real de despesas, normativas em equivalente no cenário internacional.

A nova regra está mais compatível com as práticas internacionais, no entanto, a sua credibilidade tem sido questionada, sobretudo pela definição da meta de resultado fiscal para 2024 (déficit primário zero). Tal meta é considerada não exequível pela maior parte do mercado. Essa desconfiança quanto à concretização do resultado em 2024 sustenta-se, principalmente, na projeção de aumento da arrecadação do governo federal, vista como superestimada pela maior parte do mercado e dos especialistas.

Como abordado no relatório anterior, desde o governo Dilma, a base de arrecadação tem sofrido reduções, decorrentes de políticas de desoneração, incentivos fiscais e regimes de tributação especiais, além de uma série de resoluções – tanto do Congresso quanto da Justiça – que contribuiriam para diminuir a receita do Estado, sobretudo da União. A nova equipe econômica tem procurado ativamente recuperar ao menos parte dessa base, seja por meio de medidas provisórias, seja por meio de novos projetos de lei. No entanto, esse é um movimento politicamente controverso, que tem encontrado resistência nas instâncias de Poder.

Como exemplo de medida controversa tem-se o fim da desoneração da folha de pagamento. Os defensores da medida alegam não haver nenhum estudo consistente que demonstre o efeito positivo da desoneração na geração de emprego. No entanto, os setores contemplados têm exercido muita pressão para que a desoneração permaneça. Por ora, a medida está prorrogada, mas o governo promete rever, ao menos, a extensão do benefício, limitando o número de setores favorecidos.

Em outra frente, há pressões para cortes de despesa. O governo acena para a flexibilização de pisos constitucionais, como os destinados à Saúde e à Educação), medida que, embora apoiada pelo mercado, é alvo de muitas críticas por ter efeito regressivo e significar uma quebra do pacto social consolidado na Constituição Federal de 1988.

Com a flexibilização do piso, mais rubricas passariam a seguir a nova regra fiscal, ou seja, teriam crescimento limitado a 75% do crescimento da receita, facilitando o cumprimento das metas. Verifica-se que, entre as medidas de corte e as de recuperação tributária, há conflitos bastante fortes e de difícil conciliação.

Nesse íterim, os juros pagos pela dívida pública permanecem desproporcionais ao nível de endividamento (e de risco de *default*), porém ocupam pouco espaço nos jornais e nas discussões dos especialistas. Apesar das sucessivas quedas – de 0,5 ponto percentual (p.p.) a cada reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), a partir do encontro do dia 02 de agosto de 2023–, a taxa de juros real continua bastante alta, uma vez que a queda da inflação tem ocorrido em ritmo mais rápido que o dos juros.

O pagamento de juros nominais alcançou o menor nível em junho de 2021, quando somou o equivalente a 3,40% do PIB. A partir de então, progressivamente se elevou, até alcançar o pico de 6,71% e estabilizando-se desde então em níveis ligeiramente inferiores. Em dezembro, somou 6,60%.

Importante salientar que a própria meta inflacionária para 2023 foi bastante apertada, especialmente levando-se em consideração que o núcleo inflacionário estava num patamar bastante alto em 2022. A média dos núcleos do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), medida pelo Banco Central, ultrapassou os 10% na metade de 2022 e ficou abaixo de 5% em outubro de 2023 (variação acumulada de 12 meses). Esse cenário representa um esforço muito grande de aperto monetário, que afeta diversas variáveis na economia, piorando especialmente o quadro fiscal e diminuindo o potencial de crescimento.

Fica a reflexão: Se a escolha política fosse por um “pouso suave”, ou seja, uma convergência mais longa a níveis baixos, esta não seria menos desafiadora do ponto de vista do comprometimento da atividade econômica e da própria política fiscal? Vale a pena conviver com níveis um pouco maiores de inflação por mais tempo, mesmo que favoreçam o crescimento e a receita?

Evolução das receitas e despesas

De acordo com os Boletins do Tesouro Nacional, no quarto trimestre de 2023 houve crescimento de receitas em relação ao mesmo período do ano anterior. No entanto, a recuperação esteve longe de ser suficiente para evitar uma queda real da arrecadação anual (-2,8% em 2023 na comparação com 2022). Os destaques do trimestre foram o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) e a Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (CIDE-Combustíveis), este último devido ao fim parcial das desonerações ocorridas em 2022.

No que se refere às despesas, houve um crescimento atípico por duas razões principais. Primeiramente devido ao aumento da rubrica de apoio financeiro a estados e municípios, impactado pelo pagamento de compensação pelos efeitos da Lei Complementar (LC) 194/2022. Em segundo lugar, devido à estratégia do governo para alcançar a apertada meta

de resultado fiscal de 2024, antecipando despesas com sentenças judiciais e precatórios, o que fez com que a rubrica homônima saltasse de R\$ 1.469,7 milhões no quarto trimestre de 2022 para R\$ 52.477,6 milhões no mesmo trimestre de 2023.

No acumulado de janeiro a dezembro de 2023, há alguns pontos a serem destacados: no que tange às receitas, houve uma queda real acentuada (-11,8%) da arrecadação de tributos sobre a renda corporativa, como o *Imposto sobre a Renda das Pessoas Jurídicas* (IRPJ) e a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL). No *Imposto sobre a Renda das Pessoas Físicas* (IRPF), essa queda foi de -3% –parcialmente compensada pelo aumento do Imposto de Renda Retido na Fonte (IRRF), especialmente sobre os rendimentos do capital (+ 22,2%).

Essa redução nas receitas é explicada parcialmente pelo impacto da queda de preços das *commodities*, que diminuiu a rentabilidade de empresas exportadoras do ramo. Houve ainda efeitos indiretos sobre a atividade de outros setores. O bom desempenho do setor externo no PIB de 2023 ocorreu especialmente pelo recuo das importações, após o grande aumento em 2022, ano marcado por recuperação econômica pós-pandemia. Esse recuo resultou na queda real da arrecadação do imposto de importação (-12,3%).

A receita dos tributos sobre o consumo variou -1,5%, também em termos reais, influenciada especialmente pela queda do imposto de importação, da CIDE-Combustíveis, ainda sob o impacto das medidas de desoneração de 2022, mantidas parcialmente em 2023 (-32,1%). Por sua vez, o aumento da atividade econômica, que surpreendeu muitos analistas, contribuiu para o aumento da arrecadação da Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins) e do Programa de Integração Social (PIS) / Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público (Pasep), em 1,1%, suavizando assim a queda da arrecadação federal sobre o consumo. Outras medidas de desoneração explicam parcialmente a queda do IPI, a despeito de uma maior atividade.

A melhoria do quadro do mercado de trabalho formal contribuiu para o forte aumento real da arrecadação líquida para o Regime Geral de Previdência Social (RGPS), que registrou alta de 5,8%. Houve tanto saldo positivo no Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) quanto aumento da massa habitual de rendimentos. Também foi verificado aumento na arrecadação do Simples Nacional, que registrou incremento de 5,4%.

Em relação às despesas não administradas pela Receita Federal do Brasil (RFB), houve sensível queda real (-21,1%), influenciada pela redução das concessões e permissões (-82,0%), dos dividendos e participações (-44,7%) e das receitas de exploração de recursos naturais (-18,5%). Ajudam a explicar a queda, a valorização do real, o menor preço do barril de petróleo e a própria mudança de política e gestão das empresas públicas, que

tinham um perfil mais privatista e mais voltado à maximização de lucro dos acionistas no governo anterior.

No que se refere às despesas, além dos já citados aumentos no apoio financeiro aos estados e municípios e das sentenças judiciais e precatórios, que impactaram não somente o último trimestre como o ano inteiro de 2023 (aumento real de 84,55% e 291,8%, respectivamente), houve crescimento substancial dos gastos com o Benefício de Prestação Continuada (BPC) da Lei Orgânica de Assistência Social/Renda Mensal Vitalícia (LOAS/RMV), que subiu 12,4%, resultado do maior número de beneficiários, do aumento de precatórios e do reajuste do salário mínimo em 2023. Houve também despesas obrigatórias com controle de fluxo (42,4%), decorrentes especialmente dos aumentos reais nas execuções em Bolsa Família e Auxílio Brasil e na função Saúde. Também houve aumento real substantivo nas despesas discricionárias (15,3%), especialmente nas funções Educação, Transporte e Assistência Social.

Ao fim, o resultado primário encerrou o ano de 2023 com déficit de R\$ 282.469,10 milhões, pouco abaixo de 2% do PIB. Uma piora considerável ante o resultado de 2022, que alcançou R\$ 46.408,5 milhões de superávit, o equivalente a 0,5% do PIB no mesmo período.

Num resumo comparativo, pode-se afirmar que o superávit de 2022 foi alcançado por meio de forte contenção de despesas, especialmente no primeiro semestre, e da venda de ativos. O déficit de 2023 foi resultado de uma queda de arrecadação cujas medidas de recuperação adotadas (destacadamente, a eliminação de brechas existentes em regimes especiais de tributação) só devem ser notadas em 2024. Além disso, houve uma expansão real de despesas, sobretudo das chamadas despesas obrigatórias com controle de fluxo.

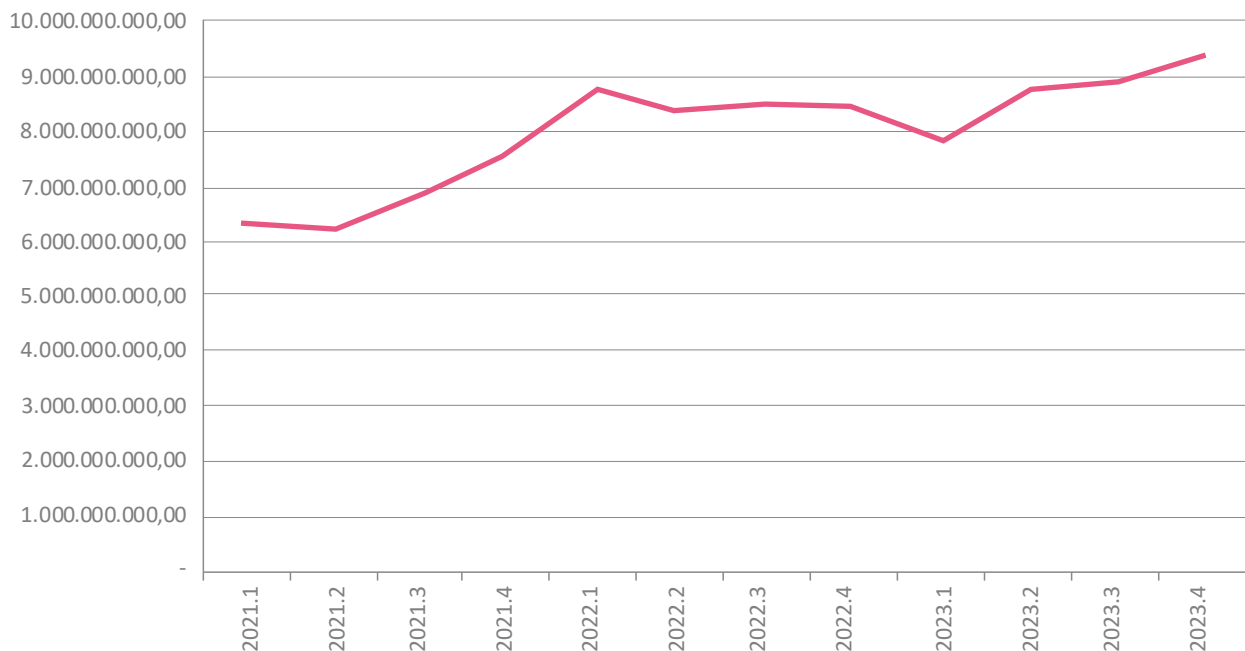
Panorama Fiscal: Bahia

Receitas

Assim como no âmbito federal, houve déficit fiscal registrado no âmbito estadual. Embora de forma mais suave que o projetado pela Secretaria da Fazenda, o resultado fiscal negativo se estabeleceu, em parte, em decorrência das consecutivas alterações nas leis tributárias e das flutuações no mercado, com destaque para o recuo de -1,8% na indústria em 2023. Contudo, vale destacar que, mesmo diante desse contexto, a arrecadação estadual apresentou um discreto crescimento real em relação a 2022 (0,38%), no entanto, houve considerável aumento real de despesas (6,11%).

O último trimestre de 2023 apresentou um desempenho superior em comparação ao mesmo período de 2022 no quesito das receitas tributárias, registrando uma elevação nominal de 15,24%. Em relação ao Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), o tributo de maior relevância para o estado, evidencia-se a continuidade da trajetória de crescimento representada no Gráfico 1, com um aumento de 10,24% em comparação ao quarto trimestre de 2022. No acumulado do ano, o montante total arrecadado em ICMS atingiu a marca de R\$35.025.991.961,31, registrando uma variação de 3,79% em relação ao ano anterior.

Gráfico 1
Arrecadação de ICMS – Bahia – Evolução trimestral



Fonte: elaboração própria a partir dos dados da Sefaz-BA.

No Gráfico 1 pode-se observar a inflexão da trajetória da receita do ICMS na Bahia ocorrida a partir de 2022. O crescimento verificado ao longo de 2021 converte-se em estagnação seguida de queda. Registrou-se uma redução na receita de quase R\$ 1bilhão, na comparação entre o primeiro trimestre de 2022 e o mesmo período de 2023. Esse decréscimo pode ser atribuído principalmente às Leis Complementares (LC) 192/2022 e 194/2022, implementadas pelo governo federal, as quais desoneraram os setores de energia e combustíveis, entre outros fatores.

Em resposta à queda de receita, decorrente das LC citadas, o governo estadual aprovou o aumento de 1,0 ponto percentual (p.p.) na alíquota modal em dezembro de 2022 (de 18% para 19%). Ante a necessidade de medidas mais robustas, a Bahia, alinhando-se a outros

nove estados e ao Distrito Federal, elevou a alíquota em mais 1,5 p.p. em novembro de 2023, chegando assim a 20,5%. Esse novo aumento buscou mitigar os impactos da desoneração e fortalecer as receitas estaduais, com a expectativa de uma recuperação significativa em 2024. Por sua vez, a Bahia passa a aplicar a terceira maior alíquota modal de ICMS do Brasil, igualando-se a Pernambuco. Os estados do Maranhão e do Rio de Janeiro mantêm as maiores alíquotas, ambas de 22%.

Também em decorrência das LC 192 e 194 de 2022, houve uma sensível mudança na composição da arrecadação do ICMS, com natural perda da participação dos combustíveis e do petróleo, de 22,47% em 2022 para 18,68% em 2023, no total. A participação da Região Metropolitana de Salvador (RMS) na arrecadação do ICMS total do estado também sofreu queda significativa, de 72,18% em 2022 para 69,42% em 2023, devido à desoneração de setores de grande importância para a economia do território.

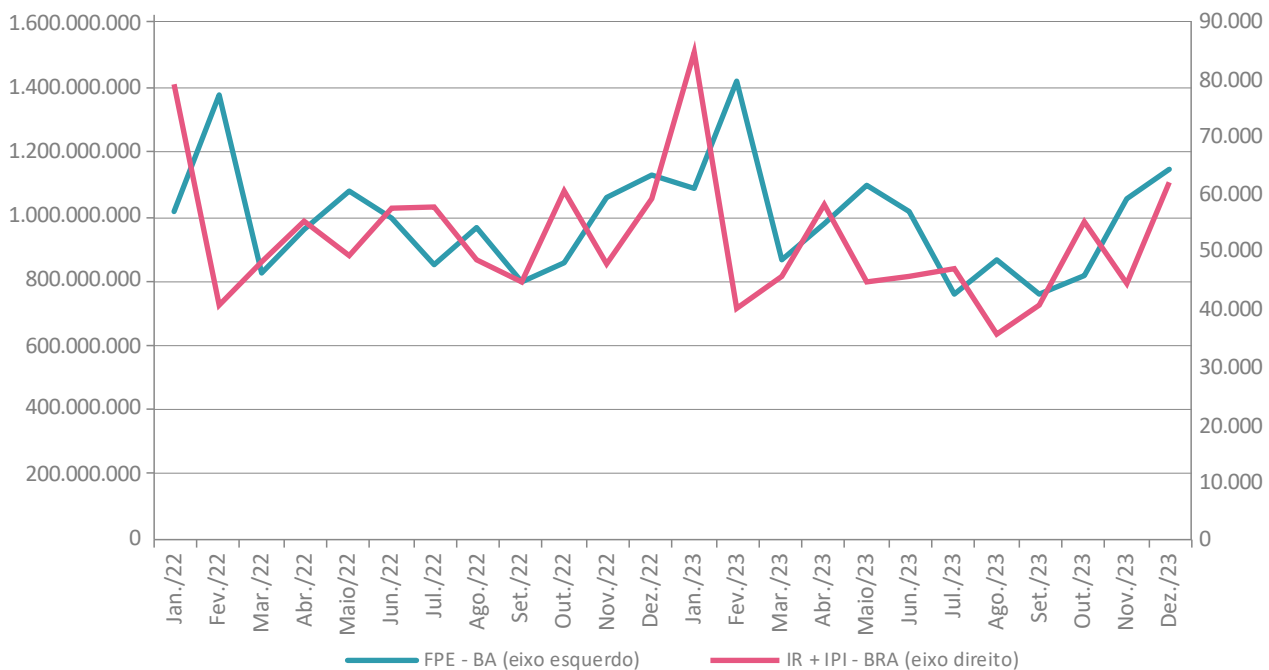
Ainda na análise anual das receitas estaduais, destaca-se a arrecadação de R\$ 75,27 bilhões em 2023, o que corresponde a um incremento de 5,02% em relação aos R\$ 71,67 bilhões alcançados no ano anterior. O aumento do valor arrecadado foi influenciado pelo crescimento das receitas tributárias (6,03%). Apesar do crescimento mais modesto do ICMS (3,67%, que significa perda real) – devido aos motivos já expostos –, outros impostos apresentaram forte crescimento, como o Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores (IPVA) (19,88%) e o Imposto sobre Transmissão Causa Mortis e Doação (ITCD) (23,17%).

No que diz respeito aos repasses federais, registrou-se um aumento da arrecadação nominal do Fundo de Participação dos Estados (FPE) de 3,9% no quarto trimestre de 2023 em relação ao mesmo período do ano anterior. No entanto, considerando-se o resultado em termos reais, observou-se um leve decréscimo de -0,8%. No acumulado do ano, comparando-se o ano de 2022 com o de 2023, a variação foi de -0,6%.

Considerando-se que o coeficiente de repasses do FPE para a Bahia permaneceu constante de 2022 para 2023, a explicação para a redução identificada reside na diminuição das receitas provenientes dos impostos componentes (no caso, IR e IPI). Variações na arrecadação desses impostos provocam impactos no FPE que seguem a mesma direção. A relação entre as flutuações do FPE e as flutuações nas receitas federais de IR e IPI pode ser observada no Gráfico 2.

Gráfico 2

**FPE distribuído à Bahia (em R\$) e impostos federais selecionados (em R\$ milhões)
Jan. 2022-dez. 2023 – Em valores reais (fev/2020)**



Fonte: elaboração própria a partir dos dados da Sefaz-BA.

Despesas

Na análise das despesas, constata-se que os limites legais permanecem em conformidade com os critérios estabelecidos pela Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF). No último quadrimestre de 2023, a despesa com pessoal alcançou o patamar de 39,98%, alinhada aos parâmetros legais, os quais estabelecem um teto de 48,6%. Ademais, a gestão da dívida consolidada manteve-se igualmente sólida, registrando um percentual de 36,48%, bem abaixo do limite legal estipulado em 200%.

Embora dentro dos limites legais, tais indicadores tiveram desempenho inferior aos apresentados no mesmo período do ano anterior, em que a despesa de pessoal registrou 36,20%, enquanto a gestão da dívida contabilizou 30,11%. Essa pequena piora no comparativo interanual deve-se principalmente ao resultado da Receita Corrente Líquida (RCL) de 2023 em relação a 2022 (variação real de -1,7%).

Contudo, mesmo com a piora, a situação da Bahia permanece favorável quando comparada a outros estados. Entre 2022 e 2023, diversos estados apresentaram uma piora significativa em seus indicadores de despesa com pessoal, sendo que Rio de Janeiro, Paraíba, Acre, Roraima,

Minas Gerais e Rio Grande do Norte ultrapassaram o limite prudencial de 46,55%, com os três últimos também rompendo o teto estabelecido pela LRF.

Na análise das despesas por função, no período de 2022 para 2023, destaca-se um notável crescimento de 172,3% na Indústria. Ao filtrar por programa, observam-se iniciativas como o Desenvolvimento Produtivo, projeto que visa impulsionar a indústria regional. Outra área com crescimento consistente é a de Ciência e Tecnologia, que registrou um aumento de 15,1% em 2023, a partir de programas incluem ações como inclusão trabalhista socioproductiva e investimentos em infraestrutura para o desenvolvimento tecnológico.

As maiores quedas, referentes ao mesmo período, ocorreram no segmento de *Energia*, com uma redução de 67,8%, e na função Organização Agrária, que registrou resultado negativo de -39%. No escopo da Organização Agrária, essa redução é atribuída à diminuição das despesas no projeto Regularização Fundiária para Agricultor Familiar e Povos e Comunidades Tradicionais, com uma queda de 51,0%. Já no segmento energético, as reduções estão em grande parte associadas aos projetos Expansão da Rede de Iluminação Pública Municipal, com uma queda de 81,4%, e Implantação de Rede de Distribuição de Energia Elétrica para Atendimento à Infraestrutura Social, com uma diminuição de 55,9%.

Logo atrás dos investimentos na função Encargos Especiais – que abrange despesas em relação às quais não se pode associar um bem ou serviço a ser gerado no processo produtivo corrente, a exemplo de ressarcimentos e indenizações –, as maiores destinações de recursos em 2023 foram para a Educação, com R\$ 13,5 bilhões e, na sequência, para a Saúde, com R\$ 11,46 bilhões. Essa classificação teve uma leve alteração em relação ao ano de 2022, quando a função Previdência Social ocupava a terceira posição, ocupada atualmente pela função Saúde.

Outro elemento que pode ser destacado é a queda real do investimento, na comparação entre o acumulado de 2023 e o de 2022, que registrou -19,14%. Em valores atualizados, os investimentos foram de R\$ 9,8 bilhões em 2022 e de R\$ 7,9 bilhões em 2023. Ainda assim, não foi considerado um valor baixo, levando-se em consideração que o ano de 2022 foi atípico. Em relação a 2019, um ano antes da pandemia, o investimento cresceu mais de 116,63% em termos reais.

Apesar das tentativas de revitalizar as receitas por meio da alteração na alíquota modal do ICMS e da continuidade dos esforços direcionados ao controle de gastos, especialmente em relação às despesas com pessoal e encargos sociais (com uma queda acumulada real de 17,06% em relação a 2019), o governo do estado encerra o exercício financeiro de 2023 com déficit de R\$ 220 milhões, situação que não acontecia desde 2016. Contudo, mantém-se a

expectativa de que as mudanças na dinâmica de arrecadação e as práticas de controle de gastos possam reverter esse cenário.

Panorama Fiscal: Municipal

Seguindo a tendência das esferas federal e estadual, o município de Salvador também registrou um crescimento real das despesas (13,94%), bastante superior ao das receitas (2,87%). O superávit de 2022, superior a R\$ 1 bilhão, em valores atualizados, praticamente desapareceu, tendo o município fechado as contas com resultado praticamente nulo (*superávit* de R\$24.368.016,74).

Quanto às receitas, houve crescimento real da arrecadação de impostos. Cabe destacar que a política do município de correção anual do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) pela inflação contribui para, ao menos, a manutenção da receita (que cresceu 6,06% em termos reais). O Imposto sobre Serviços (ISS) também exibiu crescimento real, de 5,81%, reflexo do dinamismo do setor de Serviços.

Apesar do crescimento real da receita dos principais impostos – e da receita tributária de modo geral, de 6,38%–, as receitas correntes exibiram aumento bem mais modesto (1,33%). Isso ocorreu devido ao fraco crescimento das transferências correntes (0,41%), influenciado pela queda das transferências da União (-0,38%), e à forte queda da receita patrimonial (-21,68%).

Houve alguns destaques positivos, como o aumento da receita das contribuições (9,68%) e o salto da receita de serviços, de R\$4.523.334,56 em 2022 para R\$25.711.753,64 em 2023 (valores corrigidos). São aumentos bastante significativos, mas correspondem a uma fatia pequena da receita corrente, não influenciando o seu resultado.

Quanto às despesas, destaque para as chamadas 'outras despesas correntes' – de natureza corrente que não correspondem a pessoal, a exemplo de material de consumo –, que tiveram aumento real de 12,87%, e para os juros e encargos da dívida, que atingiram 54,77%. As despesas correntes como um todo cresceram 10,89%.

As despesas de capital tiveram um crescimento mais expressivo, de 35,15%, em termos reais. Os investimentos cresceram 29,35%, as inversões financeiras, 67,41% e a amortização da dívida, 67,49%.

PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB)

João Paulo Caetano Santos
joaopaulo@sei.ba.gov.br

Denis Veloso
dveloso@sei.ba.gov.br

Carol Vieira
carolvieira@sei.ba.gov.br

PIB baiano encerra o ano de 2023 com alta de 1,1%

O quarto trimestre cresce 2,6%, e o sazonal, 1,1%

De acordo com os dados divulgados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o nível de atividade econômica – Produto Interno Bruto (PIB) – cresceu 2,6% no quarto trimestre de 2023 em comparação ao mesmo período do ano anterior. Considerando-se a série com ajuste sazonal (quarto trimestre de 2023 em comparação com o terceiro trimestre do mesmo ano), o resultado foi de 1,1%. No acumulado do ano (janeiro a dezembro de 2023), comparando-se com o mesmo período de 2022, a economia baiana encerrou o ano com alta de 1,1%.

Tabela 1
PIB trimestral – Bahia – 2023(1)

Períodos	Taxas (%)
4º trim. 2023/4º trim. 2022	2,6
4º trim. 2023/3º trim. 2023 (sazonal)	1,1
Acumulado no ano (janeiro a dezembro)	1,1

Fonte: SEI.

Elaboração: SEI/DISTAT/Coref.

Nota: (1) Dados sujeitos a retificação.

PIB em Valor Corrente

No **quarto trimestre** de 2023, o PIB baiano totalizou R\$ 99,6 bilhões, sendo que R\$ 83,7 bilhões são referentes ao Valor Adicionado (VA) e R\$ 15,9 bilhões aos impostos sobre produtos líquidos de subsídios. Com relação aos grandes setores econômicos, a **Agropecuária** apresentou Valor Adicionado de R\$ 3,3 bilhões, a **Indústria** R\$ 22,5 bilhões, e os **Serviços**, R\$ 58 bilhões.

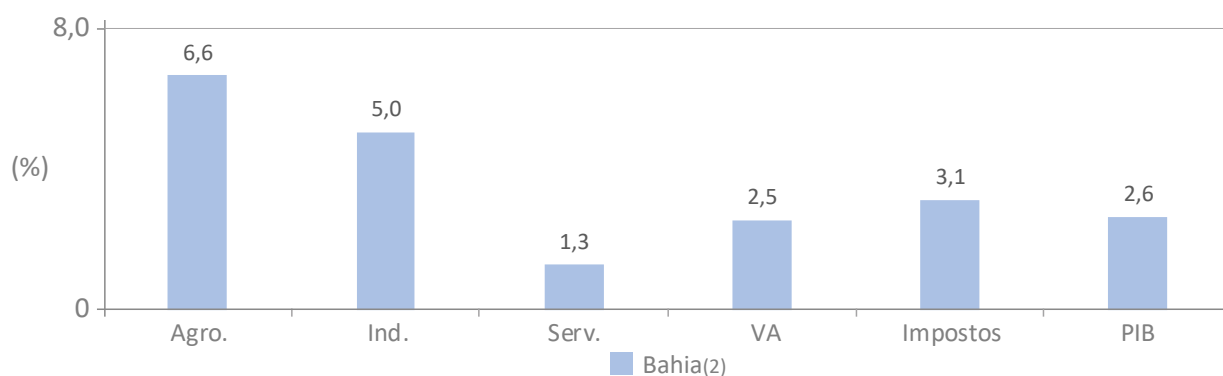
Para o **ano de 2023**, os resultados acumulados mostram um PIB corrente equivalente a R\$ 420,3 bilhões, sendo R\$ 368,4 bilhões de VA e R\$ 51,9 bilhões de impostos. Para os setores econômicos, os valores acumulados em 2023 são: **Agropecuária** (R\$ 32,3 bilhões), **Indústria** (R\$ 95,3 bilhões), e **Serviços** (R\$ 240,7 bilhões).

QUARTO TRIMESTRE 2023/ QUARTO TRIMESTRE 2022

Quando comparado ao mesmo período do ano anterior, o **PIB da Bahia** apresentou resultado positivo de 2,6% no quarto trimestre de 2023, conforme dados calculados pela equipe de Contas Regionais da SEI. O Valor Adicionado (VA) apresentou variação de 2,5%, enquanto os impostos sobre produtos líquidos de subsídios variou 3,1%. Os três setores registraram expansão: **Agropecuária**, com taxa positiva de 6,6%, **Indústria**, que cresceu 5,0%, e **Serviços**, com alta de 1,3%.

Gráfico 1

Variação dos setores do Produto Interno Bruto – Bahia – 4º trim. 2023(1)



Fonte: SEI (2024).

Elaboração: SEI/Distat/Coref.

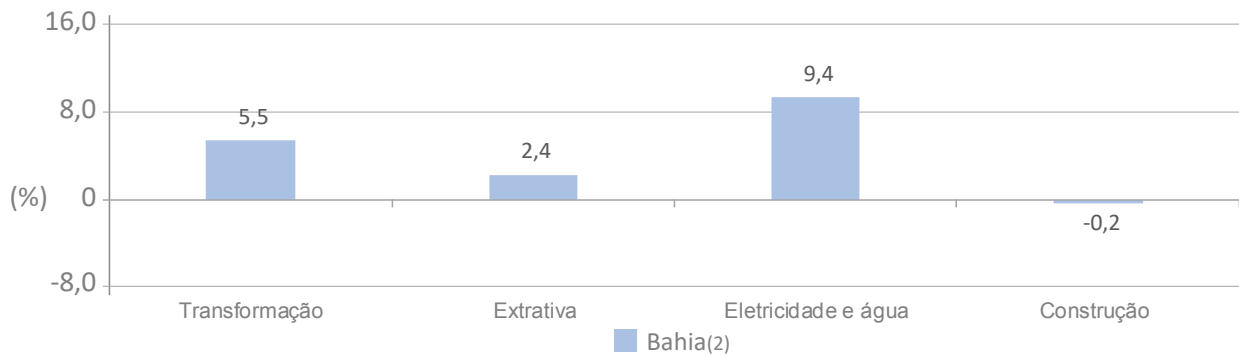
Notas: (1) Variação no quarto trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

O crescimento em volume do **setor agropecuário** baiano no quarto trimestre de 2023 foi de 6,6%. Destaque para as taxas de crescimento de algodão, mandioca, milho e soja. Além disso, o segmento da *Pecuária* (bovinos) também contribuiu positivamente para expansão do setor.

A taxa em volume do **setor industrial** baiano no quarto trimestre do ano foi de 5,0%. Três das quatro atividades industriais tiveram resultados positivos em comparação com o mesmo período do ano anterior: *Indústrias de transformação* (+5,5%), *Indústria extrativa* (+2,4%) e *Eletricidade e água* (+9,4%), em função da alta na produção de energia nas fontes hidrelétricas. Em contrapartida, a atividade da *Construção civil* registrou leve queda (-0,2%).

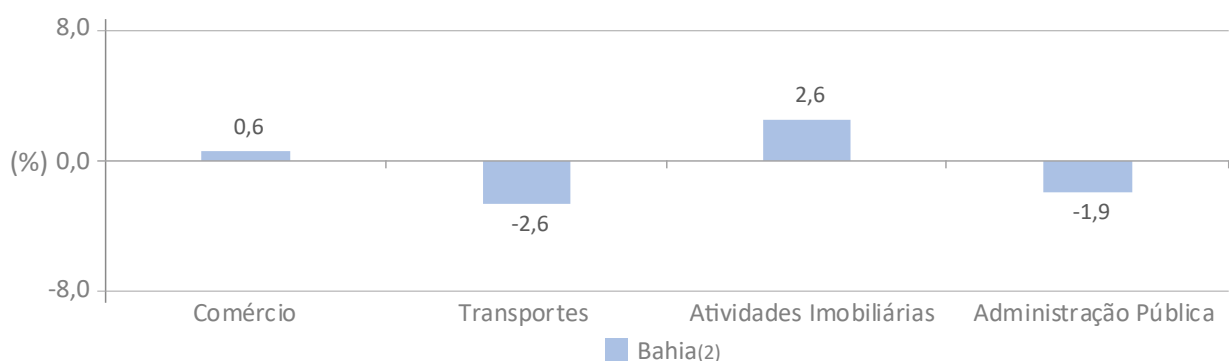
Gráfico 2
Variação das atividades da Indústria – Bahia – 4º trim. 2023(1)



Fonte: SEI (2024).
 Elaboração: SEI/Distat/Coref.
 Notas: (1) Variação no quarto trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.
 (2) Dados sujeitos a retificação.

O **setor de Serviços** do estado da Bahia expandiu 1,3% no quarto trimestre de 2023. As principais altas foram identificadas na atividade de *Comércio* (+0,6%), segunda mais relevante do setor, e nas *Atividades imobiliárias* (2,6%). Destaque negativo para a *Administração pública*, com retração de 1,9%, sendo amais importante dentro da economia baiana, e para a atividade de *Transportes* (-2,6%). O segmento *Outros serviços*¹ registrou crescimento de 5,1%.

Gráfico 3
Variação das atividades de Serviços – Bahia/Brasil – 4º trim. 2023(1)



Fonte: SEI (2024).
 Elaboração: SEI/Distat/Coref.
 Notas: (1) Variação no quarto trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.
 (2) Dados sujeitos a retificação.

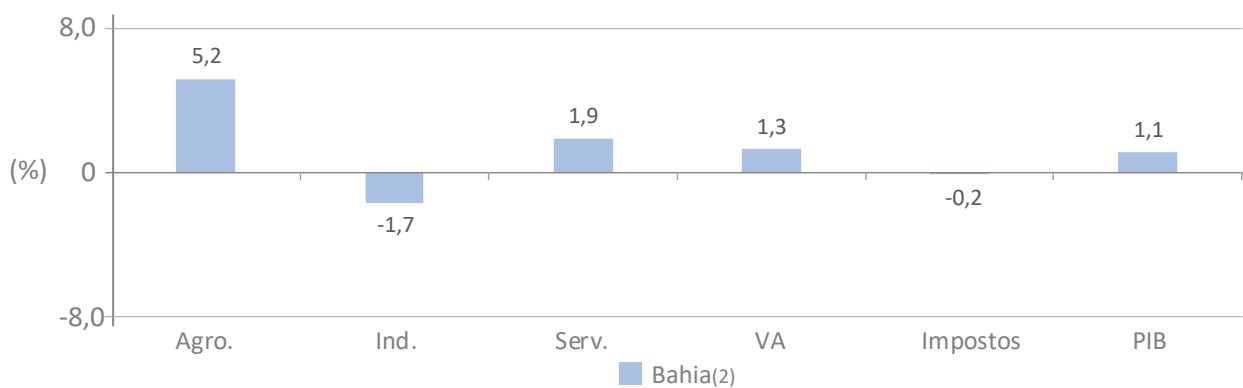
1 Engloba as seguintes atividades: Serviços de alojamento e alimentação; Serviços de informação e comunicação; Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados; Atividades profissionais, científicas e técnicas, administrativas e serviços complementares; Educação e saúde mercantis; Artes, cultura, esporte e recreação e outras atividades de serviços; Serviços domésticos.

Acumulado em 2023 (janeiro a dezembro)

O PIB baiano registrou crescimento de 1,1% no acumulado do ano de 2023 (ante o registrado no mesmo período de 2022). O Valor Adicionado (VA) cresceu 1,3%, e os impostos sobre produtos líquidos de subsídios recuaram 0,2%. A principal contribuição para a expansão do PIB baiano em 2023 foi do **setor agropecuário**, o qual registrou crescimento acumulado de 5,2%. O setor de **Serviços**, que representa o maior peso na estrutura econômica do estado, também contribuiu positivamente para o resultado de 2023, apresentando expansão de 1,9%.

Gráfico 4

Varição dos setores do Produto Interno Bruto – Bahia – Jan.-dez. 2023(1)



Fonte: SEI (2024).

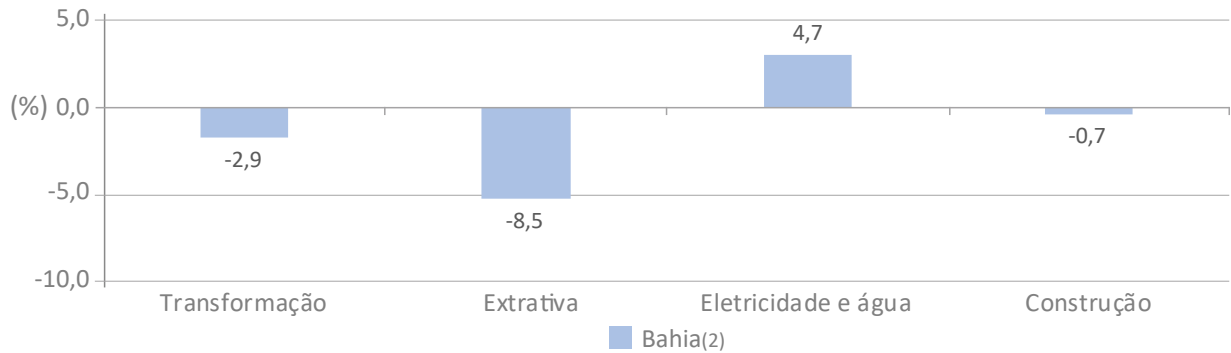
Elaboração: SEI/Distat/Coref.

Notas: (1) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

O VA do **setor industrial** baiano registrou queda de 1,7% em volume, de janeiro a dezembro de 2023, em relação ao mesmo período do ano anterior, impulsionada por três das quatro atividades que compõem o setor: *Transformação* (-2,9%), *Extrativa* (-8,5%) e *Construção* (-0,7%). O único segmento a registrar crescimento foi o de *Eletricidade e água* (+4,7%).

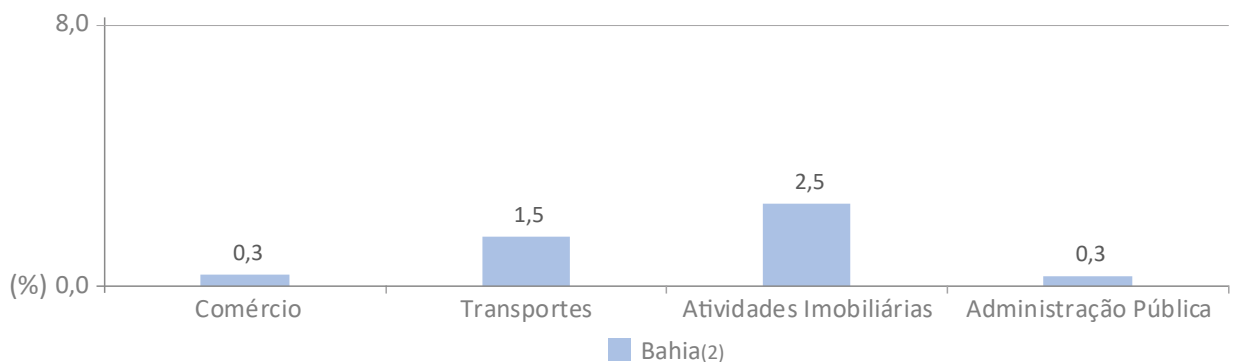
Gráfico 5
Variação das atividades da Indústria – Bahia – Jan.-dez. 2023(1)



Fonte: SEI (2024).
 Elaboração: SEI/Distat/Coref.
 Notas: (1) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.
 (2) Dados sujeitos a retificação.

No que tange ao VA do **setor de Serviços**, observou-se crescimento em volume de 1,9% no acumulado de 2023, ante o mesmo período anterior, influenciado pela alta da atividade de *Transportes* (+1,5%), seguida por *Atividades Imobiliárias* (+2,5%) e *Administração Pública* e *Comércio* (ambas com +0,3%). No mesmo período, o segmento *Outros serviços* acumulou crescimento de 6,1%, com destaque para as *Atividades profissionais* e *Educação e saúde*.

Gráfico 6
Variação das atividades de Serviços – Bahia – Jan.-dez. 2023(1)



Fonte: SEI (2024).
 Elaboração: SEI/Distat/Coref.
 Notas: (1) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.
 (2) Dados sujeitos a retificação.

MERCADO DE TRABALHO

Luiz Fernando Araújo Lobo
luizlobo@sei.ba.gov.br

O mercado de trabalho continuou absorvendo trabalhadores e gerando renda ao longo de 2023. O bom desempenho da economia nesse período foi o principal pilar dessa melhoria. Para o futuro, é certo que o ritmo do avanço dos indicadores de emprego e renda estarão ainda mais atrelados ao cenário macroeconômico do país. Assim, uma eventual desaceleração em 2024, como preveem alguns analistas de mercado, impactará, em alguma medida, a dinâmica da geração de emprego e renda. A princípio, presume-se que os principais indicadores do mercado de trabalho devem permanecer melhorando durante o ano de 2024, mas os avanços tendem a ocorrer de forma relativamente mais comedida do que outrora – ou seja, o nível de emprego e renda deverá continuar aumentando, mas num ritmo relativamente mais lento.

Os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Emprego, e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADContínua), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), serviram como principais fundamentos para subsidiar a elaboração deste texto. O objetivo é expor, sem se constituir em uma análise aprofundada, as principais informações da conjuntura recente do mercado de trabalho baiano, contrapondo tais estatísticas com as das realidades nacional e regional quando pertinente.

De acordo com os dados do Caged, de outubro a dezembro de 2023, o montante de empregos regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) no estado da Bahia diminuiu devido à supressão de 4.976 postos de trabalho. Ao fim de 2023, mesmo com a perda líquida do quarto trimestre, a Bahia passou a contar com 1.973.471 vínculos celetistas ativos, o que significou uma elevação de aproximadamente 3,78% sobre o quantitativo de 1.901.549 empregos do início do ano (estoque de referência) – ou seja, 71.922 novos postos de trabalho no conjunto dos 12 meses de 2023. Dessa forma, ao término do referido ano, a Bahia concentrava, respectivamente, 27,01% e 4,49% do total de empregos com carteira assinada existente na região nordestina e no país – mantendo-se, assim, com o maior volume de vínculos formais do Nordeste e o sétimo maior montante entre as 27 unidades federativas.

Em contraponto aos resultados dos trimestres de referência, o saldo negativo de 4.976 postos no último trimestre de 2023 em território baiano permitiu constatações distintas. No comparativo com o terceiro trimestre do mesmo ano, período que evidenciou uma geração líquida de 25.740 vagas, a apuração dos dados do quarto trimestre mostrou resultado bem inferior. Quanto ao mesmo trimestre de um ano antes, o saldo atual se revelou ligeiramente

menos desfavorável, já que a ocupação com carteira assinada evidenciou uma perda de 5.778 vínculos à época.

Por sua vez, em termos de acumulado anual, o ano de 2023, com saldo de 71.922 novos postos, apresentou desempenho inferior ao de 2022, que contou com uma geração líquida de 122.455 vínculos celetistas – lembrando que o resultado em 2022 já tinha sido inferior ao identificado em 2021 (145.729 novos postos). Assim, na Bahia, o resultado anual mais recente, embora evidencie uma ampliação do nível de emprego e contribua para o revigoramento do mercado de trabalho local – visto se tratar do terceiro intervalo consecutivo com expansão –, levanta dúvidas de que a absorção líquida de trabalhadores pelo polo protetivo daqui para frente se manterá relevante, já que os dados apontaram mais um enfraquecimento no ritmo de geração anual de postos de trabalho.

De acordo com os resultados mensais do período, a dinâmica com mais desligamentos do que admissões foi apurada em somente um dos meses do quarto trimestre de 2023 na Bahia. O mês de dezembro, como é habitual, exibiu saldo negativo, com perda líquida de 17.299 postos – quantitativo mais do que suficiente para impactar negativamente o último trimestre de 2023. Aliás, dezembro foi o único mês do ano com resultado negativo, além de se tratar do pior resultado desde maio de 2020. O mês de novembro, por sua vez, foi o de maior saldo no trimestre, com 6.475 novas vagas. Já outubro testemunhou um excedente menos destacado, com surgimento de 5.848 novos postos. Além disso, entre os meses do trimestre, apenas novembro evidenciou saldo superior ao do mesmo período do ano anterior, o que também levanta dúvidas acerca da robustez futura da geração de postos de trabalho. Ao longo do ano, o mês de abril foi o de maior saldo, com 11.705 novos postos.

O saldo de empregos com registro em carteira também foi negativo para o país em geral no agregado dos meses de outubro a dezembro de 2023, com 116.087 postos a menos. Ademais, apenas uma das regiões gerou postos de trabalho no referido período. Em termos absolutos, o Sudeste (-51.654 postos) registrou o pior desempenho, e o Nordeste (+25.360 postos) exibiu o único cenário favorável. Das unidades da Federação, houve supressão líquida em 16 delas no trimestre. No *ranking* nacional, do maior ao menor saldo, a Bahia, com decréscimo de 4.976 oportunidades ocupacionais, ficou na 19ª posição, 12 colocações abaixo da verificada no intervalo anterior. Entre os estados nordestinos, a Bahia contabilizou o pior resultado absoluto, enquanto Piauí (-1.582 postos) e Alagoas (+7.373 vagas) exibiram, respectivamente, o segundo menor e o maior saldo regional no trimestre analisado. Em termos anuais, o crescimento do emprego celetista também foi observado no Brasil e no Nordeste, com 1.483.598 e 298.188 novas vagas, respectivamente. Todas as 27 unidades federativas contaram com aumento do quantitativo de empregos celetistas em 2023. No ano,

a Bahia, com 71.922 novos postos, exibiu o maior saldo da região nordestina e o quinto maior do país, respectivamente.

O decréscimo de empregos com carteira assinada na Bahia, no quarto trimestre de 2023, alcançou três dos cinco grandes estratos setoriais. Entre os setores com geração líquida de postos, o de Comércio destacou-se com o desempenho mais proeminente, com a contratação líquida de 7.540 trabalhadores no período. O setor de Serviços, com 4.117 novos contratos, também alcançou saldo positivo e relativamente proeminente, evidenciando o segundo melhor resultado entre os estratos. A Indústria geral, por sua vez, registrou a pior performance, com perda líquida de 5.882 vínculos. Em seguida, vieram a Construção, com a supressão líquida de 5.773 vagas, e a Agropecuária, com a eliminação de 4.977 empregos. Assim, portanto, apenas dois dos cinco grandes setores não apontaram encolhimento do nível de emprego no intervalo analisado. Ao longo de 2023, no entanto, a geração líquida de postos ocorreu em todos os cinco setores, com destaque para Serviços (+47.795 vínculos) e Comércio (+14.900 vagas).

De acordo com o levantamento da PNADContínua, na Bahia, a taxa trimestral de desocupação ficou em 12,7% no quarto trimestre de 2023. Trata-se do menor índice desde o do quarto trimestre de 2015 (12,4%). Do terceiro ao quarto trimestre do ano em questão, apesar da ausência de significância estatística da variação, a taxa de desocupação recuou, passando de 13,3% para 12,7%, indicando uma queda de maior intensidade, com recuo de 0,6 ponto percentual (p.p.) do que na passagem do segundo ao terceiro trimestre, em que houve contração de 0,1 p.p.. Em relação ao mesmo conjunto de meses de 2022, quando o indicador foi estimado em 13,5%, também houve decréscimo, com a taxa mais recente registrando retração de 0,8 p.p..

Assim, após ter iniciado o ano com aumento na margem, a taxa trimestral de desocupação emendou o terceiro recuo consecutivo – desempenho semelhante ao verificado em 2022. Apesar dessas oscilações para baixo, a estimativa trimestral mais recente do desemprego na Bahia (12,7%) continuou bem acima de seu menor valor histórico, ocorrido no quarto trimestre de 2013 (9,1%) – lembrando que seu pico ocorreu no primeiro trimestre de 2021, quando atingiu 21,7% da força de trabalho local. Ou seja, apesar da melhora, observa-se que a referida taxa ainda se encontra em patamar elevado, visto já ter sido inferior a dois dígitos em pesquisas anteriores. Esse quadro sugere um dinamismo ainda mais pujante da economia para voltar a um patamar mais razoável.

Além da Bahia, outras 14 unidades da Federação apresentaram contração na margem da taxa trimestral de desocupação (independentemente da significância estatística da oscilação).Em

contrapartida, 11 delas registraram variação positiva, enquanto uma manteve a estabilidade. A maior redução absoluta ocorreu no Rio Grande do Norte, com queda de 1,8 p.p. (ao passar de 10,1% para 8,3%). Por sua vez, com mais um recuo da taxa de desocupação, a Bahia deixou de exibir a estimativa mais elevada entre as unidades federativas, passando para a penúltima posição, à frente apenas do Amapá (14,2%). Na outra ponta, Santa Catarina (3,2%) apresentou a menor taxa entre as unidades federativas. Em terras baianas, portanto, a situação se traduziu em um percentual quatro vezes acima do observado no território catarinense. No Brasil e no Nordeste, as estimativas ficaram em 7,4% e 10,4%, respectivamente, percentuais, portanto, abaixo do calculado para o território baiano (12,7%).

No intervalo em análise, em comparação ao trimestre adjacente anterior, o mercado de trabalho baiano experimentou redução tanto na ocupação (-0,2% ou menos dez mil ocupados) quanto na desocupação (-5,8% ou menos 55 mil desocupados), o que significa que a ocupação recuou após duas altas em sequência, enquanto a desocupação diminuiu após ter aumentado. Dessa forma, em relação ao intervalo antecedente, o encolhimento recente da taxa de desocupação ocorreu por conta da saída de pessoas da força de trabalho, ou seja, por uma menor pressão no mercado de trabalho, ante o aumento no contingente dos que não estavam trabalhando nem procurando emprego). No comparativo interanual, por sua vez, houve aumento de pessoas ocupadas (+1,3% ou mais 76 mil ocupados) e diminuição de pessoas procurando por trabalho (-6,0% ou menos 57 mil desocupados).

O contingente de ocupados no conjunto dos meses de outubro a dezembro de 2023 na Bahia, com 6,128 milhões de pessoas de 14 anos ou mais de idade, apesar da contração na margem, ainda se revelou o segundo maior em oito anos (inferior apenas ao do trimestre imediatamente anterior, de 6,138 milhões de ocupados) – muito acima, portanto, do menor valor da série, de 4,869 milhões de indivíduos no segundo trimestre de 2020 (quando da eclosão da crise da pandemia de covid-19). Esse montante, porém, já foi de 6,451 milhões de indivíduos, quando em seu auge no último trimestre de 2014. No comparativo entre quartos trimestres, por sinal, o número de pessoas trabalhando foi o maior desde o estimado em 2015 (6,282 milhões de pessoas).

A população desocupada, composta por 888 mil indivíduos, reforçada pelo encolhimento na margem, revelou-se como o menor volume de baianos desocupados desde o calculado para o primeiro trimestre de 2015 (821 mil), já tendo sido de 634 mil indivíduos no trimestre de encerramento do ano de 2013, melhor marca da série no estado. Além do mais, para um quarto trimestre, trata-se do menor quantitativo de pessoas à procura de trabalho desde o constatado em 2014 (700 mil desocupados à época).

Por fim, após ter decrescido por dois intervalos consecutivos, o número de pessoas fora da força de trabalho na Bahia aumentou, chegando a 5,183 milhões (+1,4% ou mais 71 mil indivíduos). Ante essa oscilação desfavorável, tal quantitativo mantém o alerta, já que se encontra num patamar maior do que qualquer outro observado antes da pandemia, com potencial para repercutir negativamente na desocupação, caso o desempenho econômico futuro não seja suficiente para incorporar aqueles que, porventura, voltem a pressionar o mercado de trabalho em busca de ocupação.

Na Bahia, no trimestre mais recente, em comparação ao imediatamente anterior, após três altas em sequência, o número de trabalhadores informais encolheu. O quantitativo de empregos formais, por sua vez, após aumentar duas vezes consecutivas, também diminuiu. A contração do montante de formais (-6 mil pessoas), entretanto, foi de magnitude maior do que a queda da ocupação na informalidade (-3 mil pessoas). Ou seja, a pequena redução atual da ocupação no estado ocorreu majoritariamente pelo canal da formalidade, o que acarretou uma ínfima elevação do grau de informalidade na margem. Assim, nesse contexto de evasão de trabalhadores principalmente do polo protetivo, o recuo geral da ocupação assumiu um caráter ainda mais nocivo, já que desfavoreceu o estrato do mercado de trabalho que tende a ofertar empregos de maior qualidade e com mais garantias. Por fim, o período de outubro a dezembro de 2023 contabilizou 3,192 milhões de ocupados na informalidade e 2,936 milhões na formalidade. O grau de informalidade no mercado de trabalho baiano, dessa forma, ficou em 52,09% (ante 52,05% no terceiro trimestre do ano), o sexto maior do país. No Brasil como um todo, 39,1% das pessoas ocupadas se encontravam na informalidade nesse mesmo período.

Na Bahia, durante o quarto trimestre de 2023, o rendimento médio real de todos os trabalhos, habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas, foi estimado em R\$ 1.962, o segundo mais baixo entre as unidades federativas (maior apenas do que o do Maranhão, estimado em R\$ 1.816). Diferentemente do constatado no trimestre antecedente, quando havia sido o terceiro menor do país. Dessa maneira, o rendimento médio baiano mostrou-se equivalente a, respectivamente, 64,7% e 96,2% do rendimento médio brasileiro (de R\$ 3.032) e nordestino (de R\$ 2.040) no referido trimestre. Em relação ao mesmo intervalo de 2022, quando o rendimento médio estava em R\$ 1.872, houve alta de 4,8% (ou seja, mais R\$ 90) – a quinta expansão consecutiva após oito retrações consecutivas nessa base de comparação. Em comparação com o trimestre imediatamente anterior, quando o valor estava em R\$ 1.950, ocorreu uma variação positiva de 0,6% (mais R\$ 12), indicando a segunda alta consecutiva após recuo.

A massa de rendimento real de todos os trabalhos, habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas, foi estimada em R\$ 11,774 bilhões. Esse total significa uma elevação de 1,1% ante o doterceiro trimestre do ano (de R\$ 11,641 bilhões) e de 6,9% no comparativo com o montantedo mesmo período do ano de 2022 (cujo valor havia sido de R\$ 11,016 bilhões). A Bahia, assim, no quarto trimestre de 2023, concentrou, respectivamente, 3,9% e 26,1% de toda a massa de rendimento do país e da região nordestina. Enfim, após ter recuado, a massa de rendimento real aumentou na margem pela segunda vez em sequência, alta decorrente somente do crescimento do rendimento médio real, já que a população ocupada recuou nessa base de comparação. No comparativo interanual, por sua vez, a alta recente significou a oitava expansão consecutiva, mas depois de um período com sete quedas em sequência – a alta, nesse caso, decorreu do aumento concomitante do rendimento médio real de todos os trabalhos e da ocupação.

Assim, com o encerramento do ano, pode-se constatar que os indicadores anuais do mercado de trabalho baiano da PNAD Contínua evidenciaram uma série de avanços conjunturais em 2023, tais como: 1) a taxa anual de desocupação diminuiu pela segunda vez consecutiva, ficando em 13,2%; 2) a taxa anual de desocupaçãofoia menor desde 2016 e deixou de ser a mais alta do país; 3) a contração da taxa de desocupação de um ano para o outro ocorreu devido a movimentos favoráveis, como a ampliação da ocupação combinada com a retração do número de desocupados; 4) o número de ocupados aumentou pela terceira vez consecutiva, alcançando 6,075 milhões e registrando o maior montante desde 2015 (6,398 milhões de trabalhadores); 5) o total de desocupados encolheu pelo segundo ano em sequência, chegando a 922 mil pessoas e assinalando a menor marca desde 2015 (816 mil desempregados); 6) o número de trabalhadores formais (+71 mil) aumentou e o de informais reduziu (-18 mil) em um ano; 7) o grau de informalidade diminuiu após dois anos em alta e chegou ao segundo nível mais baixo da série, marcando 53,7%; 8) o rendimento médio real aumentou após dois anos em queda, crescendo 7,2% de 2022 para 2023 e chegando a R\$ 1.865; e 9) a massa de rendimento real anual cresceu pela segunda vez consecutiva, aumentando 9,5% em um ano e alcançando R\$ 11,032 bilhões.

No entanto, ainda com base nos parâmetros anuais, a despeito de melhorias diversas e do entusiasmo crescente, parte desses indicadores revelou uma realidade complicada em 2023 e, por isso, os avanços não significaram necessariamente a superação do cenário desafiador na Bahia. Por exemplo: 1) a taxa anual de desocupação foi a segunda maior do país, abaixo apenas da de Pernambuco (13,4%); 2) a taxa de desemprego ainda se encontram acima de seu menor valor histórico, ocorrido em 2014 (9,8%); 3) a taxa de desocupação em território baiano permanece significativamente acima das taxas brasileira (7,8%) e nordestina (11,0%); 4) o ritmo de crescimento da população ocupada diminuiu comparativamente ao

do ano imediatamente antecedente; 5) o recuo relativo do montante de desocupados foi menor em relação ao visto no ano de 2022; 6) o quantitativo de indivíduos fora da força de trabalho (5,089 milhões) voltou a crescer após dois encolhimentos em sequência, mantendo-se acima de qualquer patamar anterior ao ano de eclosão da pandemia; 7) o desalento voltou a crescer após dois anos, registrando 596 mil pessoas que desistiram de procurar trabalho; 8) o contingente de desalentados em território baiano continuou sendo o maior do país; 9) o contingente de informais (3,264 milhões) ainda se mantém como o segundo maior da série; 10) a taxa de informalidade em terras baianas revelou-se a quinta maior entre as 27 unidades federativas; e 11) o rendimento médio realfoi o mais baixo do país e o terceiro menor da série.